

# LEVANTE POPULAR NA AMÉRICA LATINA

O povo protesta  
e pressiona por  
mudança.

O que acontece no  
Peru, Chile, Colômbia,  
México e demais  
nações? O cansaço  
das promessas  
conservadoras.

Agora é a vez  
do Brasil: contra  
Bolsonaro, todos às  
ruas em 19 de junho

focus  
BRASIL



# focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor Responsável: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Danilo Molina,  
Pedro Camarão e Nathalie Nascimento



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

## DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Luiz Caetano e Valter Pomar

## CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Arlete Sampaio, Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eliane Aquino, Elói Pietá, Flávio Jorge Rodrigues, Gleber Naime, Helena Abramo, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Juliana Cardoso, Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Celeste de Souza da Silva, Maria Selma Moraes da Rocha, Nabil Bonduki, Nalu Faria, Nilma Lino Gomes, Nilmário Miranda, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho, Sandra Maria Sales Fagundes, Teresa Campello e Valmir Assunção

## SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

## CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana  
São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

Divulgação

# AMÉRICA LATINA CHACOALHADA POR ONDA PROGRESSISTA

**ENTREVISTA.** Juca Kfourri  
compara a atual conjuntura  
com a dos anos de chumbo

Página 4

**PROTESTOS.** Em diversos  
países da América Latina,  
manifestações populares

Página 12

**PERU.** Para surpresa geral,  
o professor Pedro Castillo  
derrota a direita e Fujimori

Página 16

**SEGURANÇA.** Episódios de  
truculência da PM expõem  
métodos do bolsonarismo

Página 18

**NEGACIONISMO.** Genocida  
volta de novo à carga e quer  
desobrigar uso das máscaras

Página 21

**ESTALEIRO.** Lula defende  
retomada da construção  
naval para gerar empregos

Página 28

**GOLPE.** Balanço dos ataques  
a três setores vitais: elétrico,  
petróleo e agricultura familiar

A partir da página 30

EDITORIAL

## UM SOPRO DE ESPERANÇA

Aloizio Mercadante \*



A América Latina tem em sua história um passado sombrio de longos períodos de ditaduras militares. Mas, após o processo de redemocratização, o continente experimentou, a partir de governos populares que colocaram em prática uma política de integração regional, um ciclo de grandes transformações, com avanços significativos no resgate de dívidas históricas, especialmente com os mais fragilizados socialmente.

Esse ciclo de paz social foi interrompido por novas modalidades de golpe, pelo lawfare e pela judicialização da política, com a já comprovada participação do Deep State dos Estados Unidos. Exemplos dessa contaminação da democracia latino-americana foram os golpes contra Manuel Zelaya em Honduras, Fernando Lugo no Paraguai, Evo Morales na Bolívia e Dilma Rousseff no Brasil. Além disso, a perseguição judicial contra Lula, Rafael Correa e Cristina Kirchner.

Em resposta a essa nova onda neoliberal e à ascensão da extrema direita, novas mobilizações populares tomaram as ruas em diversos países da região e começaram a trazer um sopro de esperança para a América Latina, com resultados animadores. Em pouco tempo, se somaram aos governos Alberto Fernandez, na Argentina, e Andrés Manuel López Obrador, no México, as eleições de Pedro Castillo, no Peru, e de Luis Arce, na Bolívia. Também trazem esperança a realização da Assembleia Constituinte no Chile e a derrota de medidas neoliberais na Colômbia.

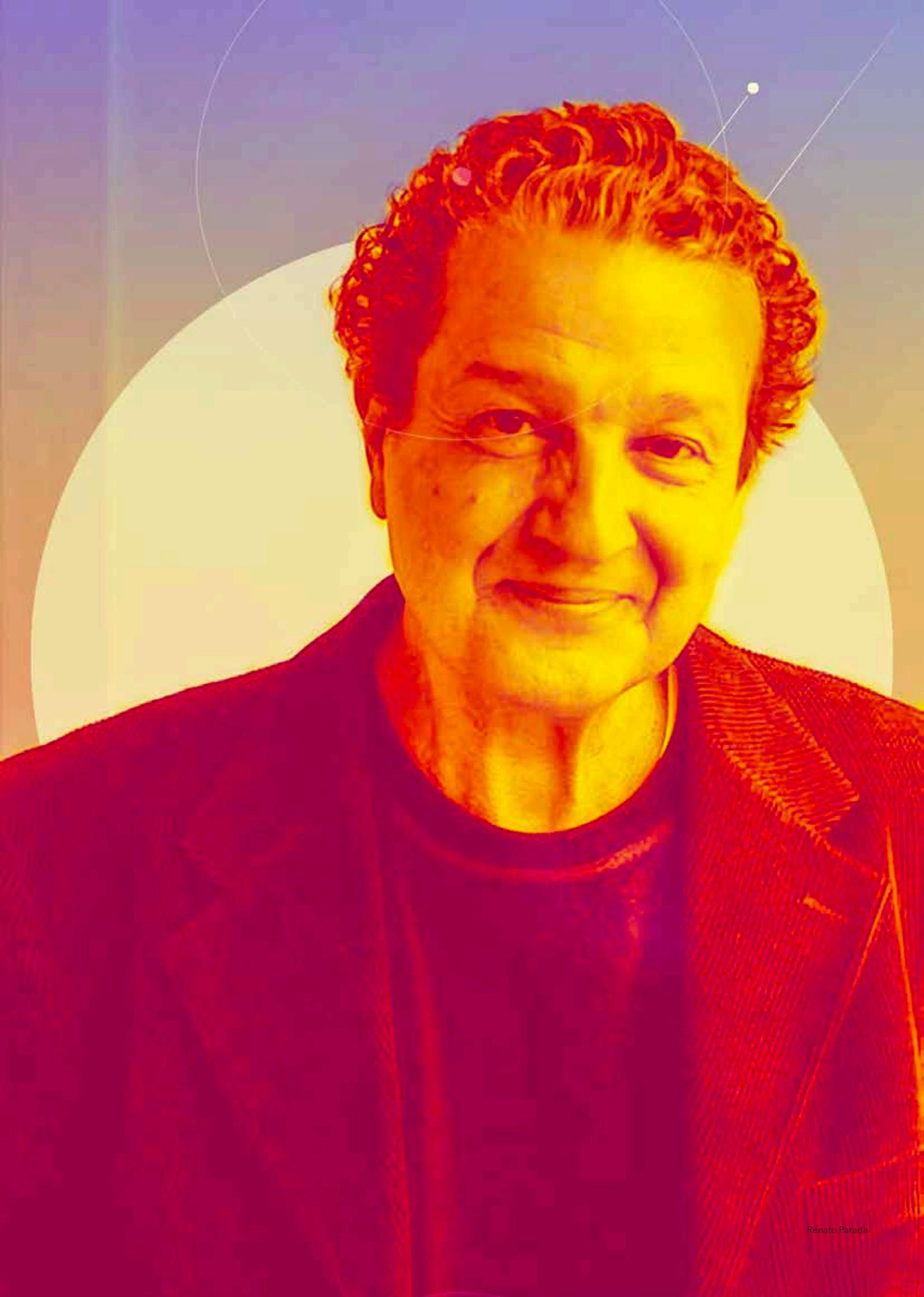
Entretanto, inspirada pela tentativa fracassada de Donald Trump de não reconhecer a vitória de Joe Biden, que resultou na invasão do Capitólio, a extrema direita tenta retomar as velhas estratégias golpistas na América Latina. O golpe contra Evo Morales teve início a partir de falsas denúncias da existência de fraudes no processo eleitoral boliviano. No Peru, a candidata derrotada recorre ao mesmo expediente golpista.

Processo similar vem acontecendo no Brasil. Bolsonaro, com cada vez menos apoio popular e emparedado pelo descontrole da pandemia e pela crise social, flerta perigosamente com o golpismo. Agride a credibilidade das urnas eletrônicas e aposta na formação de milícias armadas, inclusive dentro das próprias instituições do Estado, como o conflito e a segmentação das Forças Armadas e das polícias.

Ao mesmo tempo, também agride cotidianamente as instituições democráticas, como o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional, e aciona um esquema de disparo de fake news em massa para destruir reputações e manter tensionada a democracia. Bolsonaro aposta no caos, no obscurantismo e no negacionismo para tentar se manter no poder, mesmo se derrotado nas urnas.

Mas, além da volta de Lula à vida nacional, o que traz esperança, centralidade e racionalidade ao processo político, o povo, mesmo com a pandemia, voltou às ruas. Foram mais de 420 mil pessoas na última manifestação e a expectativa é que os atos do próximo sábado, 19 de julho sejam ainda maiores.

Esse era o último elemento que faltava para a derrocada final de Bolsonaro e de todos os valores anticivilizatórios que ele representa. Não tenho dúvidas que, com o povo nas ruas, a partir da liderança de Lula e nos estados escalando uma seleção no campo progressista para disputar para valer e vencer as eleições, o Brasil seguirá o exemplo do sopro de esperança que se espalha pela América Latina e derrotará os retrocessos golpistas.



# “O CANDIDATO DA CONCILIAÇÃO É LULA”

O indignado jornalista, que na juventude caiu na clandestinidade e dirigia para Câmara Ferreira na ALN, não se conforma com a tragédia que se abateu sobre o país. E não poupa ninguém. Da Seleção Brasileira à CBF, passando por minions arrependidos, Juca Kfourri diz que a chance do Brasil mudar de rumo é com o ex-presidente, a quem aplica o aposto: o conciliador

Por Pedro Camarão

Juca Kfourri diz nunca ter acreditado na possibilidade de que jogadores e comissão técnica da Seleção Brasileira de futebol pudessem se insurgir contra a “Cova América”. O experiente jornalista lembra que, para além do barulho gerado no presente, nada parece abalar o mundo do futebol. “Você não ouviu durante mais de um ano nenhum desses caras falando, fazendo uma crítica que seja à maneira como o governo brasileiro está agindo diante da pandemia”, lembra.

E avalia que a indignação presente no escrete canarinho é muito mais relacionado ao presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Rogério Caboclo, afastado depois de ser acusado de assédio sexual. Aliás, sobre a CBF, Juca diz que a instituição é um antro de corrupção e condena a realização da Copa América no Brasil.

O vivido jornalista contou à **Fo-**

**cus Brasil** que não compareceu aos protestos contra o governo de Jair Bolsonaro por causa da pandemia. E avisa que também não vai no dia 19. Mas não porque não acredita nas manifestações populares. “Tenho inveja dos que foram, terei inveja dos que irão”, diz.

Juca explica que segue as orientações do médico Drauzio Varella, que o aconselhou a não comparecer. Militante político há mais de cinco décadas, ele diz sentir um amargor com relação à realidade atual do Brasil, maior até do que no período da ditadura militar. A comparação - diz o veterano jornalista - não é exagerada.

“Embora a gente tenha uma liberdade para se expressar hoje, que não tínhamos em 1964, em 1968, em 1975, eu te diria que a constatação do retrocesso é uma coisa dolorosa”, lamenta. “Como essa, eu não vivi. A gente olhava para frente e via uma cultura pulsante, a Música Popular Brasileira

reagindo, o teatro reagindo, a literatura reagindo, o jornalismo reagindo”. E, consternado, diz que o país com o qual sonhava para os filhos, provavelmente só será possível para as suas netas.

Para derrotar o retrocesso e a destruição que vem sendo promovida pelo “genocida”, Juca Kfourri aposta na capacidade conciliadora de Luiz Inácio Lula da Silva. Para ele, não há outro que tenha a capacidade de reconciliar o país.

“Lula até merecia descansar porque já fez sua parte”, afirma, antes de emendar: “É a hora do Lula de novo”. Ele diz esperar pela formação de uma frente ampla contra Bolsonaro. E adianta que todos teremos de perdoar os arrependidos que votaram em Bolsonaro sem serem bolsonaristas. Nem todos. Cita os nomes de alguns que não merecem perdão por terem apoiado o genocida lá atrás. A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Focus Brasil - O que você achou dessa quase insurgência dos jogadores e da comissão técnica da Seleção Brasileira? Ameaçaram, mas vão jogar. Como você vê essa situação?**

Juca Kfoury - Para falar bem a verdade, e não digo isso com nenhum prazer, mas para alguma coisa ficar velho, vale. Eu, em nenhum momento, acreditei em qualquer hipótese de insurgência. E não era nem por ter informação privilegiada, era por mera imaginação. Te convido a compartilhar a minha imaginação. Você tem alguma dúvida de que o genocida que mora em Brasília terá ligado ou para o Neymar pai ou para o próprio Neymar filho lembrando dos problemas que a família tem com o fisco e que não é hora de fazer uma grosseria com um desejo do governo? Entendeu?

**- Então, não te surpreendeu.**

Em nenhum momento eu achei que eles teriam coragem de se insurgir contra um convite que, lembre-se, foi do governo brasileiro. O governo trouxe para o Brasil um problema que não era dele para se distinguir da Argentina, que estava mais do que preparada para receber a Copa América, que fez investimentos para receber competição e que, na hora H, por causa da pandemia, responsabilmente, achou que não era hora de receber nove delegações de países diferentes, com cepas diferentes e resolveu não fazer. E aí, o Brasil quer fazer. Por quê? Porque este governo quer apertar o tempo todo uma situação de normalidade e não está nem aí para o fato das 500 mil mortes durante a Cova América. Entende? Então, em nenhum momento achei que eles se insurgiriam. Era muito mais uma questão de estarem se sentindo mal tratados pelo "Caboclo assediador" do que propriamente uma reação à Copa América ou à pandemia ou

à saúde pública. Essa gente não está preocupada com isso, nunca esteve. Exceção feita ao Richarlison [jogador do Everton, time inglês], você não ouviu durante mais de um ano nenhum desses caras falando, fazendo uma crítica que seja à maneira como o governo brasileiro está agindo diante da pandemia. Você não viu nenhum deles nas campanhas de vacina. Uma coisa tão simples como essa - Vacine, já. Campanhas que a Rede Globo fez, eles não entraram. Não entraram porque essa questão da

**TEM DÚVIDA DE QUE O GENOCIDA TERÁ LIGADO PARA O NEYMAR PAI OU PARA FILHO LEMBRANDO DOS PROBLEMAS QUE A FAMÍLIA TEM COM O FISCO?**

vacina é polêmica [ironicamente], entendeu? Então, em nenhum momento eu tive essa ilusão, em nenhum momento.

**- Não foi na última Copa América que Bolsonaro desceu no campo para comemorar com os jogadores?**

- Sim. Era exatamente esse grupo. Então, não há porque acreditar que eles viessem a fazer alguma coisa, que eles tivessem a coragem que tiveram os jogadores de basquete da NBA de condiciona-

rem a realização das finais à manifestação deles a favor do "Vidas Negras Importam". Estamos falando de outras cabeças, de outro nível de consciências. Estamos falando de jogadores de futebol que só pensam nos próprios umbigos, não estão nem aí para o entorno.

**- Novamente, vemos a CBF com um mais um escândalo. Neste momento, não é de corrupção. Isso prejudica o futebol?**

- Evidente que prejudica. Veja bem, há uma questão estrutural. Da mesma maneira que a gente trata o racismo estrutural no Brasil, o esporte brasileiro tem uma questão estrutural. Fruto de um processo não democrático que ainda vive sob a égide das capitânias hereditárias que são as federações estaduais que elegem os presidentes das confederações. Você acha que é mera coincidência que os três últimos presidentes da CBF foram banidos do futebol por corrupção? Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Marco Polo Del Nero. Teixeira e Del Nero não podem sair do país porque se saírem, a Interpol pega. O Marin, a Interpol pegou. Cumpriu pena nos EUA. Foi libertado por uma generosidade da Justiça americana, exatamente, em função da pandemia. Ele tem quase 90 anos de idade. Estava lá encarcerado em condições, segundo dizem, de um presídio muito frio e tudo mais. João Havelange que é o capo dei capi morreu desgraçado, expulso do Comitê Olímpico Internacional e da presidência de honra da Fifa tendo que fazer acordo para não ser pego pela Justiça suíça.

E esse caboco, o "Caboclo assediador" era o braço direito do Marco Polo Del Nero. Chamava ou chama o Del Nero de "presi" que era o verdadeiro presidente da CBF. [Caboclo] Multiplicou, recomendo olharem o site "De olho nos ruralistas" [deolhonosruralistas.com.br], multiplicou o seu

patrimônio a partir do momento em que pisou na CBF. Porque ali se recebem mil convites para ser sócio de mil empresas, entendeu? Não mudou nada. O que mudou é o como você disse. “Vínhamos” acostumados a escândalos de corrupção e, dessa vez, ainda não foi a corrupção, foi o assédio sexual.

#### **- Não quer dizer que ela [a corrupção] não esteja lá, né?**

- Não, de jeito nenhum. Pode estar mais bem disfarçada, mais cuidadosa. Porque nem a bebedeira é novidade. O seu Teixeira vivia embriagado, teve que tirar um rim de tanto que destilou.

#### **- A realização da Copa América em si é um risco enorme. Mas há quem lembre que temos o Campeonato Brasileiro e a Libertadores. Você acha que são coisas comparáveis? Tem gente por aí dizendo que ninguém no futebol teve Covid. E o Rogério Ceni acabou de testar positivo.**

- É, espera aí! Tem mais de 300 casos de Covid no futebol brasileiro. O primeiro jogo do Campeonato Brasileiro do ano passado não pôde ser realizado porque o Goiás estava com todo o time infectado. Então, vamos por partes. Primeiro, você está conversando com um cara que se insurgiu contra a volta precoce do futebol no ano passado, chamou o campeonato brasileiro do ano passado, o tempo todo de “Covidão 20”. Fiz um depoimento na Câmara dos Deputados a convite do ex-ministro [Alexandre] Padilha [deputado federal pelo PT de São Paulo] para tratar desse assunto numa comissão que tinha quatro médicos. E os quatro falaram, já tinha mais de 100 mil mortos no Brasil, nenhum deles fez referência aos mortos. Foi um negócio assim horroroso. A começar do “secretário menor” da CBF, Walter Feldman, que é médico. Depois teve o depoimento do diretor médico da CBF, Dr. [Jorge]

Pagura, um cara envolvido em mil escândalos quando foi secretário de Turismo e Esporte aqui em São Paulo. Teve que renunciar ao posto porque descobriram que ele recebia de hospitais públicos sem dar plantão. Enfim, sempre fui contra.

Agora, há uma justificativa, que a mim não convence, mas que existe, de que se o futebol não voltasse os clubes brasileiros todos quebrariam. Um erro não justifica o outro. O fato de estarmos errando fazendo os campeonatos aqui não justifica que a gente receba

## **O FATO DE ESTARMOS FAZENDO OS CAMPEONATOS NÃO JUSTIFICA RECEBER A COPA AMÉRICA, QUE NÃO ERA NEM DA NOSSA CONTA**

mais um torneio, mas mais do que isso, um torneio que não era da nossa conta. Um torneio que não estava previsto para acontecer no Brasil. Um problema a mais que a gente traz de infraestrutura, deslocamentos, ambulâncias nos estádios, médicos e paramédicos. E em quatro cidades com ocupação quase máxima de leitos de atendimento da Covid. Desviando recursos que deveriam estar voltados ao atendimento dos doentes. Então, evidentemente, não há por que acrescentar aos campeona-

tos mais este. Lembrando que o Brasil recebeu a Copa América faz dois anos. A única coisa sensata a fazer era cancelar.

#### **- Você acompanhou os protestos de 29 de maio? Acha que é o momento de ir para as ruas?**

- Você me coloca diante de uma questão que para mim é muito complicada. Eu ouvi de um filho de 30 anos: “Pô, pai. Você quando tinha 20 estava em grupo clandestino correndo risco de morrer de bala ou sob tortura e agora não vai à manifestação por medo da Covid? O Bolsonaro é pior do que a Covid”. E eu entendo perfeitamente esse raciocínio. Eu confesso que morro de inveja dos que foram, eu queria muito ter ido. Mas eu tenho 71 anos e sou casado com uma mulher que tem um probleminha pulmonar que se pegar essa merda, não resiste. Eu não teria cara para olhar para o Dr. Drauzio [Varella] de quem sou amigo, que diz “não, não é hora, a gente está lutando com as armas que tem, se a gente for, corre o risco de morrer e não vai poder lutar mais”. Enfim, eu não condeno quem está indo, mas não é nem a preocupação de manter a coerência, de dizer “estou falando o tempo todo fique em casa, fique em casa e agora que é uma manifestação progressista aí eu posso ir”. Não é nem por isso. Porque são coisas diferentes. É obviamente diferente. Quem está saindo para a rua para apoiar o genocida está apoiando a morte. Os que saíram dia 29 e vão sair dia 19 estão lutando pela vida e isso faz uma diferença essencial. Agora, eu, particularmente, não vou e gostaria que os meus filhos não fossem. Não tenho poder de impedi-los de ir, não faço chantagem emocional. Apenas alerto que, em indo, ficarão no mínimo duas semanas sem que a gente possa se ver porque terão que cumprir quarentena. Mas é isso, é estar “entre a cruz e a caldeirinha”. Eu reitero e

repito para encerrar este capítulo. Tenho inveja dos que foram, terei inveja dos que irão.

**- Você mencionou que um dos seus filhos falou sobre o que você passou durante a ditadura militar e gostaria de saber a sua percepção sobre o momento que o país vive.**

- Olha, não foi à toa que eu escrevi um livro cujo título é "Confesso que perdi". Cinquenta anos atrás, eu tinha 20 anos de idade e sonhava com um Brasil que está agora cada vez mais longe, mas esteve mais perto do que sonhei no começo do século 21. Eu achei até que poderia fazer um livro "Confesso que empatei" ou "Confesso que estamos virando". Mas, nós regredimos 50 anos. Na questão ambiental, nos direitos trabalhistas, no futebol. [Rindo] Tentaram fazer do Tite um João Saldanha, chamaram o Tite de comunista. Até nisso a gente voltou 50 anos. A única coincidência que há entre o Tite e o Saldanha é essa campanha de seis jogos seguidos vitoriosos nas Eliminatórias, que o Saldanha fez em 69 e que o Tite está fazendo agora. É a única coincidência. A única. De resto, não tem nada a ver um como outro.

Agora, quando houve o Golpe de 1964, eu tinha 14 anos. Eu não estava nem aí para o que estava acontecendo aos 14. Estava preocupado com o Corinthians que não era campeão desde 1954, já havia dez anos. E fui, evidentemente, a partir do golpe, em função das coisas que ouvia em casa, do meu pai, da minha mãe, fui me formando politicamente. Tive três primos que foram para a luta clandestina e que fizeram muito a minha cabeça. E aos 17 eu já estava militando na ALN [Ação Libertadora Nacional] e aos 18 dirigindo para o [Comandante] Toledo, o velho Joaquim Câmara Ferreira. Mas eu te diria o seguinte, como expectativa - embora tenha leva-

do o tempo que levou, mais de 20 anos - era de que a gente iria, mais cedo ou mais tarde, derrotá-los. A expectativa e o que estamos vivendo hoje é de tentar evitar uma catástrofe. Porque se cogita um golpe. Cogita-se de um golpe das PMs e das milícias com as Forças Armadas imobilizadas. Ele [Bolsonaro] ensaia isso o tempo todo. Já não tentou dar o golpe porque o [Fabrício] Queiroz foi preso, o que o obrigou a recuar. Mas está numa nova escalada.

Veja, mais uma semelhança

## O QUE ESTAMOS VIVENDO HOJE É TENTAR EVITAR UMA CATÁSTROFE. PORQUE SE COGITA UM GOLPE. ELE [BOLSONARO] ENSAIA ISSO O TEMPO TODO

entre o futebol e a vida política. O Exército acoelhou-se diante da crise Pazuello da mesma forma que a CBF acoelhou-se diante do Neymar ao tapar a marca de um dos principais patrocinadores da CBF, que garante a mordomia dos cartolas. Não é curioso você constatar isso? Tanto o Pazuello quanto o Neymar ficaram impunes. Mas alguém dirá: "Não, mas no caso do Exército foi um recuo tático para impedir uma nova crise. Mas deste recuo tático o Bolsonaro se arrependerá adiante". Bom, toma-

ra que seja verdade. Eu diria que não tenho nenhum elemento concreto para acreditar que isto não seja um desejo, uma análise que embute um desejo. Então, em certo aspecto, diria que embora a gente tenha uma liberdade para se expressar hoje que não tínhamos em 1964, em 1968, em 1975, a constatação do retrocesso é uma coisa dolorosa e essa eu não tinha vivido. A gente olhava para frente e via uma cultura pulsante, uma Música Popular Brasileira reagindo, o teatro reagindo, a literatura reagindo, o jornalismo reagindo. O que a gente viu de 2013 para cá... A mídia cúmplice, achando que iria controlar o maluco. O parlamento, cúmplice. A Justiça, cúmplice.

Tivemos durante um período inaceitável, como herói nacional, um justiceiro da pior qualidade sob todos os aspectos. Até do ponto de vista linguístico. Um juiz que falava "cônje", "houveram"... Quer dizer, um medíocre. Um medíocre. E virou herói nacional, era incensado pela mídia. Então, diria que eu também não sei te dizer se, claro, se isso tudo que eu estou dizendo não tem a ver com o fato de eu hoje ter 71 anos e então olhar para aquilo que eu queria para os meus filhos, hoje eu já quero para minhas netas. Acho que os meus filhos também não vão ver o Brasil com que eu sonhei. Quem sabe as minhas netas vejam. Então, isso dá um... não é um pessimismo, porque não vou parar de brigar... Mas dá um amargor. Hoje sou uma pessoa politicamente mais amargurada do que era quando a gente estava brigando contra a ditadura, sem dúvida nenhuma.

**- Embora não possamos fazer muitas projeções, como você enxerga o cenário para 2022?**

- Ao ver Fernando Henrique Cardoso dizendo que vota no Lula, eu diria demos os passos que precisávamos dar, até mais cedo do que eu imaginava porque achei

que esse tipo de manifestação começaria ali por volta de março, abril de 2022. E está começando agora. Eu sou adepto da frente ampla até doer. Então, não vejo outro candidato que possa fazer a conciliação do país além de Luiz Inácio Lula da Silva. O conciliador. Não é o radical que o *Estadão* quer pintar. É o oposto do Bolsonaro. É o conciliador. E quem o conhece, sabe. Aliás, as críticas à esquerda que se possa fazer a ele são exatamente por ser excessivamente conciliador. É isso o que ele é. E é isso o que ele sempre foi. E com a capacidade de ser generoso, de não guardar rancor. Porque era para ter saído desses 500 e tantos dias que passou preso, cuspidando abelha e querendo vingança. E até saiu manso. Foi vítima de uma injustiça que não tem tamanho. Nunca vimos na história da política brasileira uma injustiça igual, mas não vejo outra alternativa.

Vou te dizer uma coisa, eu até acho que ele merecia descansar, que já fez a parte dele. Fostaria de pensar no Flávio Dino, no Fernando Haddad, no [Guilherme] Boulos, mas vão ter que esperar. São jovens. É de novo a hora do Lula. É o único cara que é capaz de conciliar este país. Vai ter ali 10%, 12% do gado bolsonarista querendo encher, mas com a capacidade que ele tem de falar com o povo, com a capacidade de governar com o povo, de pensar no excluído, no faminto... Ele é único, não tem outro.

**- Você falou da frente ampla, como você a enxerga? Pode ser um pouco mais específico?**

- Veja bem, também não queira de mim mais do que eu sou capaz. Ela é amplíssima assim, a demarcação para mim é do Dória e Moro para cá. Dória e Moro fiquem. Fiquem, arquem com suas responsabilidades. "Ah, mas eles estão arrependidos. Veja o Dória..." Não. Não. Essa

turminha, [João] Doria, [Sérgio] Moro, Joice Hasselmann, não precisamos. Não precisamos. Até porque, acho que se esvaíram por serem traidores. Eu tive um grandessíssimo amigo, que morreu semana passada, o Milton Coelho da Graça, que foi do Partido Comunista, do *Partidão*, onde eu militei. E o Miltonzinho dizia: "Juca, bem-vindos os oportunistas. Quando os oportunistas estão chegando perto da gente, é porque a gente está ganhando a guerra. Não recuse os oportu-

## SOU ADEPTO DA FRENTE AMPLA ATÉ DOER. E DE NOVO É A HORA DO LULA. É O ÚNICO CARA QUE É CAPAZ DE CONCILIAR ESTE PAÍS

nistas". Eu confesso que aceito muitos oportunistas. Venham. Os arrependidos venham. Venham. Todo mundo tem o direito de se arrepender, de ter feito bobagem. Não vamos forçar essa gente que votou no Bolsonaro sem ser bolsonarista a não ter outra opção porque a gente não os perdoa. Não. Vamos perdoá-los. Mas com certa moderação. Entendeu? Há alguns que não precisam ir para o palanque. Vão lá e vota, mas não venha tão perto porque aí também é demais,

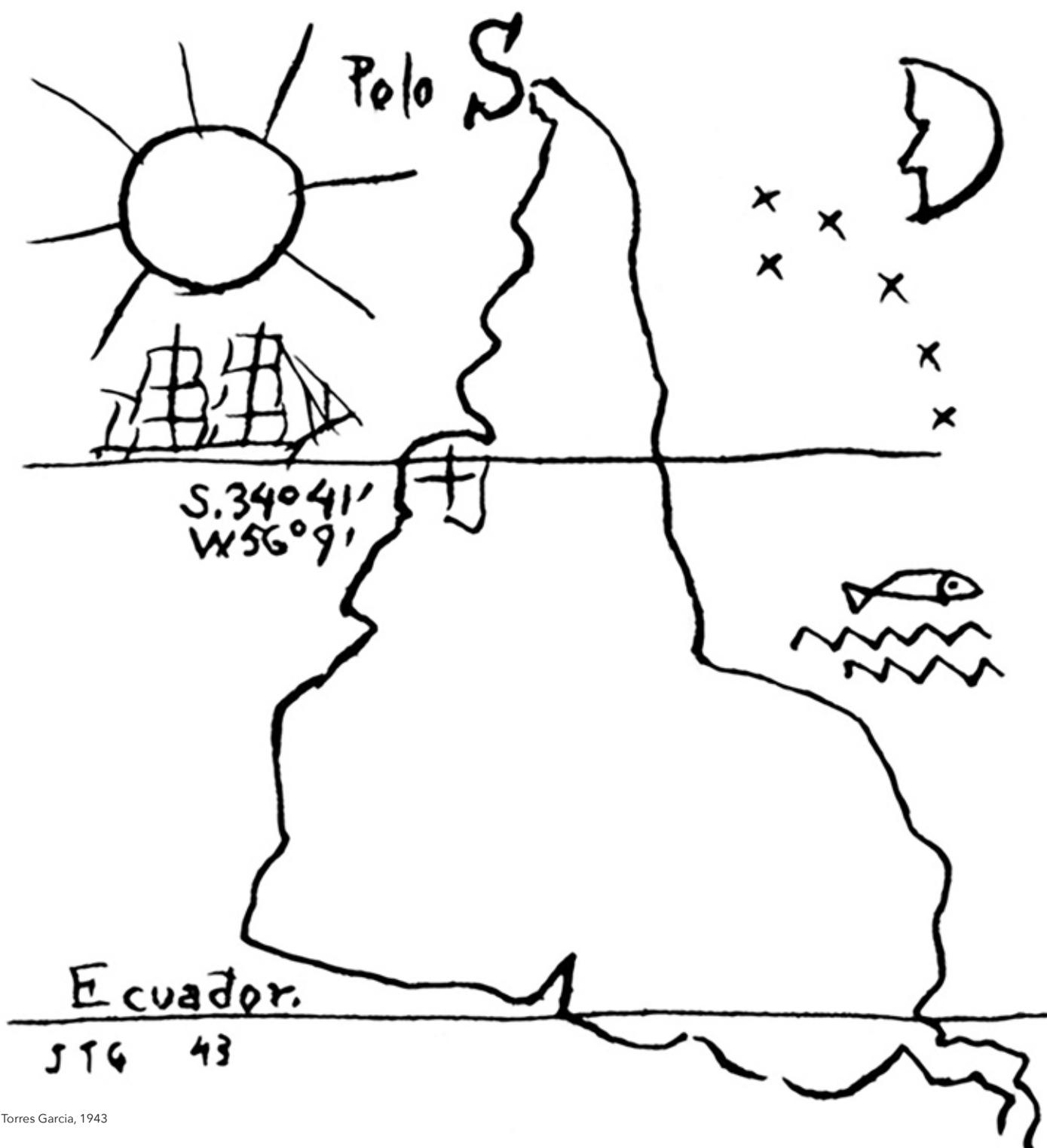
aí também vai confundir muito a cabeça das pessoas. Para mim é isso. A demarcação é essa. A extrema-direita tem esse marco: Doria, Moro, essa gente...

**- Como foi esse período da pandemia para você? Conseguiu se distrair com alguma coisa?**

- Eu tenho uma neta de 16 anos. Luísa. Ela me liga três, quatro vezes por dia absolutamente indignada com as coisas que vê o genocida fazer ou que ela ouve na CPI. Está pelos tampos. Eu, às vezes, nem vi e sou informado por ela. E digo como resisti e tenho resistido à pandemia: primeiro, eu sou um cara caseiro. Então, não sair de casa não chega a ser um grande problema. Agora, eu gosto muito de ir ao cinema e nunca mais fui. Eu gosto muito de viajar e nunca mais viajei. Gosto de ir a restaurante, e nesse um ano três meses, fui a um restaurante, do hospital Albert Einstein, quando fui visitar minha irmã que estava internada. Fui na lanchonete do Einstein comer. Eu sou vítima de duas pandemias, a da Covid e a das *lives*. Vou sair daqui e vou entrar numa. Amanhã, tenho duas. Uma com o 247 e outra com a TVE da Bahia.

Fiquei vendo futebol, basquete... Estou lendo muito. Muito. E passo o dia com raiva desse genocida. É assim. Mas minha saúde mental, eu tenho preservado. O fato de poder, desde outubro do ano passado, sair para caminhar 50 minutos, tomar sol, tomar chuva, andar, me faz muito bem. Imagine que ao contrário da maioria, eu até dei uma emagrecida. Estou fazendo musculação, comprei pesos e para não ganhar massa muscular. Então, não vou sair mal da pandemia. Mas, é claro, eu não perdoo que a gente fique tanto tempo preso por incúria de um governo genocida, de um governo da pregação da necropolítica, de um governo da destruição, não da construção. É isso. •

# AMÉRICA LATINA BUSCA NOVOS RUMOS



**O povo nas ruas sacode a região e alavanca projetos progressistas pelo continente**

**Em muitos países, mobilizações populares rechaçam a agenda neoliberal e pregam medidas para a redução da desigualdade social e a volta do crescimento econômico**

**Milhões de pessoas retomam protestos na Colômbia, Brasil, Peru e Chile para reivindicar melhores condições de vida. É um levante por dias melhores para os povos da região**

Por Danilo Molina

**D**e 2010 para cá, uma série de golpes de Estado motivaram reações de perplexidade e desasossego, com a destituição de governos progressistas na América Latina. Tornou-se cada vez mais presente nas democracias latino-americanas o uso do aparato judicial do Estado, o chamado lawfare, para perseguir líderes políticos do campo popular.

A conjunção desses fatores, somados à incapacidade da direita neoliberal de derrotar os projetos progressistas nas urnas, culminou, por exemplo, nos golpes contra Fernando Lugo no Paraguai em 2012, Dilma Rousseff no Brasil em 2015, e Evo Morales

na Bolívia em 2019. Também ficou evidente o jogo das classes dominantes subalternas aos interesses externos ao apoiar e colocar todo o aparato da mídia oligopolista para justificar a perseguição judicial aos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, Rafael Correa, do Equador, e Cristina Kirchner, da Argentina.

Só, a partir de 2019, um novo fator surgiu como grande contrapeso ao avanço dos governos da direita no continente: a mobilização popular. Nos últimos três anos, milhões de pessoas tomaram as ruas em países como Chile, Colômbia, Peru, Paraguai e Argentina, entre outros. Em alguns casos, tais mobilizações resultaram em avanços expressi-

vos, como a eleição de governos populares, caso da Argentina e do México, o impedimento do avanço de reformas neoliberais e a convocação de uma nova Assembleia Constituinte, no Chile.

Agora, a onda popular se expande para outros países e já é visto por expressivos líderes da esquerda brasileira como um sopro de esperança. Dias melhores parecem estar próximos, enquanto a região segue na mais terrível desigualdade social, acumulando miséria, pobreza e desemprego e mortes por Covid. Cresce a recente onda de resultados favoráveis à esquerda na América Latina —à exceção do Equador—, o que, avaliam, é o prenúncio da derrota de Jair Bolsonaro em 2022.





AFP

**COMOÇÃO POPULAR NO PERU** A vitória do professor Pedro Castillo nas eleições presidenciais foi por 70 mil votos

## PERU

Apesar de ainda não haver uma definição oficial, o caso mais recente de vitória das forças populares na região latino-americana é a eleição do dirigente sindical Pedro Castillo para presidente do Peru, nas eleições realizadas no domingo, 6 de junho. Em uma disputa acirrada, com 98,5% das atas apuradas, Castillo derrotou a filha do ex-ditador Alberto Fujimori, Keiko Fujimo, candidata de uma coalizão conservadora e neoliberal por uma margem de 50,193% contra 49,807%. Uma diferença de 67.116 votos.

Castillo tomará posse em 28 de julho. Mas, a candidata derrotada, sem apresentar qualquer prova, convocou jornalistas para apontar uma suposta fraude no processo eleitoral peruano. Fujimori declarou que há uma “clara intenção de boicotar a vontade popular”. Ela recorreu ao mesmo expediente utilizado pelo candidato derrotado nas eleições norte-americanas Donald Trump.

As acusações de Keiko foram negadas pelo Júri Nacional de Eleições do Peru que apresentou um relatório da missão de observadores da União Interamericana de Órgãos Eleitorais, que afirma que o pleito ocorreu de modo regular e foi exitoso, numa eleição disputada, apertada, mas limpa. A missão de observação da OEA, composta por 40 membros, também reafirmou o êxito das eleições peruanas e não repetiu a vergonhosa atitude golpista que promoveu nas eleições bolivianas.

A vitória de Castillo acontece depois de um longo processo de profunda instabilidade política e uma série de protestos e manifestações nacionais, com a greve agrária naquele país, em novembro de 2020. Descritas como as maiores manifestações no Peru das últimas duas décadas, a mobilização durou oito dias e foi desencadeada após a destituição do então presidente Martin Vizcarra, que sofreu um impeachment pelo Congresso por “incapacidade moral”.

## CHILE

Outra vitória fundamental das mobilizações populares na América Latina ocorreu no Chile, em maio. Após fortes mobilizações desencadeadas pela juventude, que começaram em outubro de 2019, o presidente conservador Sebastián Piñera foi forçado a convocar um plebiscito para a organização de uma Assembleia Constituinte. As manifestações tiveram início a partir de um movimento de estudantes contra aumentos de preços do metrô de Santiago, reprimido com força desproporcional pela polícia chilena, os carabineros.

Depois da brutal repressão policial, milhões de chilenos tomaram as ruas das principais cidades do país contra a política neoliberal de Piñera e a atual Constituição do país, que data da ditadura de Augusto Pinochet, que ascendeu ao poder em 11 de setembro de 1973 depois de impor um Golpe de Estado com a mão forte do Exército.

Dessa vez, a forte repressão



AFP

**CHORO NA COLÔMBIA** Protestos foram punidos com repressão do governo de Iván Duque que matou 61 pessoas

que cegou dezenas de jovens, além de denúncias de violação de estudantes pelas repressão policial, não conseguiu conter a determinação e persistência da juventude e dos movimentos populares chilenos. O plebiscito foi realizado em outubro do ano passado, quando 80% da população votaram pela mudança do texto constitucional.

Em maio deste ano, as eleições da nova Assembleia Constituinte deram vitória aos partidos progressistas e aos candidatos independentes. Os conservadores não conseguiram o mínimo de um terço das cadeiras na Constituinte, número necessário para ter direito a veto na Assembleia, que será composta por 155 parlamentares.

A juventude, as mulheres e as chapas formadas por independentes que emergiram das lutas populares foram a grande novidade nas eleições do Chile. Já a esquerda e os progressistas precisam evitar o risco da fragmentação, uma vez que aprovação de qualquer emenda depende da

maioria de dois terços dos votos.

Outra vitória do campo popular foi a adoção da cláusula de paridade de gênero e a inclusão de 17 cadeiras reservadas para representantes dos povos indígenas. A composição da Constituinte será de 83 mulheres e 73 homens, uma importante mudança histórica.

## COLÔMBIA

Na Colômbia, desde o final de abril, o povo está nas ruas contra as reformas neoliberais propostas pelo presidente de extrema direita Iván Duque. Os movimentos populares conseguiram impedir a proposta do presidente colombiano que pretendia arrecadar US\$ 5 bilhões em impostos para evitar queda da pontuação do país junto às agências de risco internacional.

Para isso, Duque propôs um aumento de impostos sobre a renda e sobre produtos básicos e a cobrança de 19% no Imposto de Valor Agregado (IVA) sobre

serviços públicos, o que atingiria diretamente a classe média e os mais pobres do país.

A repressão policial contra os manifestantes colombianos já deixou pelo menos 61 mortos e há uma série de acusações de violações de direitos humanos. No momento, realiza-se a visita de uma delegação da Corte Interamericana de Direitos Humanos para apurar a violência policial. Delegações de observadores internacionais foram impedidas de permanecer no país.

Há três frentes de luta: os movimentos populares e sindical históricos, a juventude com uma poderosa e inovadora capacidade de mobilização e os bloqueios de estradas promovidos por forças de esquerda e de direita militarizadas. As negociações entre as forças populares mobilizadas e o governo não avançaram, e algumas medidas de fechamento do regime foram promulgadas.

Porém, a situação também fez com que Duque anunciasse, no último domingo, 6, uma série de medidas para modernizar o Mi-



**AVANÇO NO MÉXICO** Nas eleições do dia 6, o partido de Obrador consolidou maioria na Câmara e conquistou 11 estados

nistério da Defesa e promover uma “transformação integral” da polícia. O presidente colombiano prometeu a criação de um novo estatuto disciplinar e de um novo sistema de recebimento de reclamações e denúncias para “alcançar a excelência” no trabalho policial.

## MÉXICO

Outro país em que os progressistas ganharam força após a onda de golpes na América Latina é o México, que desde 2018 é governado pelo Movimento de Regeneração Nacional (Morena), na figura do presidente Andrés Manuel López Obrador. No domingo, os mexicanos foram às urnas para a eleição do Congresso Nacional e dos governadores de alguns estados.

O resultado foi uma ampliação do Morena nos governos locais. Dos 15 estados em disputa, o partido do presidente Obrador ganhou 11. Como já governavam cinco, o Morena ampliou

seus governos locais para 16 estados, exatamente a metade do total de governos estaduais mexicanos.

O resultado das eleições parlamentares também consolidou a ampla maioria da coligação liderada pelo Morena na Câmara dos Deputados. Dos 500 parlamentares eleitos, a coligação do partido de Obrador elegeu 338 deputados, dos quais 254 são do Morena, 40 do Partido do Trabalho, 26 do Partido Encontro Social e 13 aliados do Partido Verde. Todos são da base de sustentação do governo.

Apesar disso, presidente e o Morena não têm mais a maioria absoluta do parlamento. A oposição de direita teve um crescimento, mas o governo segue sendo a força majoritária e vitoriosa nas urnas.

## DEMAIS PAÍSES

Na **Argentina**, o povo também derrotou o projeto de direita nas últimas eleições presidenciais, quando a chapa peronista formada por

Alberto Fernández e Cristina Kirchner impediu a reeleição do neoliberal Mauricio Macri. A resistência a Macri foi marcada por uma forte mobilização popular e por diversas greves gerais ao longo do governo do ex-presidente argentino.

Na **Bolívia**, depois do golpe contra a eleição de Evo Morales, o povo voltou às ruas, com fortes mobilizações e novamente elegeu um governo popular. No ano passado, o candidato do Movimento ao Socialismo (MAS), Luis Arce derrotou os adversários, ficando 26,3 pontos à frente do adversário mais próximo, o direitista Carlos Mesa.

Uma das peças fundamentais da vitória de Arce foi o vice-presidente eleito, David Coquehunca. Índigena e ex-dirigente sindical, ele é líder popular dos plantadores de coca da região andina da Bolívia. A vitória do MAS permitiu o retorno de Evo Morales a La Paz, em grande manifestação popular.

No **Paraguai**, em março deste ano, manifestantes deflagraram uma forte onda de protestos pelo impeachment do governo de direita liderado pelo presidente Ma-

rio Abdo Benitez e seu vice, Hugo Velázquez, em razão da crise sanitária que vive o país. A mobilização popular resultou na renúncia do ministro da Saúde, Julio Mazzoleni, e nas trocas dos ministros da Educação, Eduardo Petta, da Mulher, Nilda Romero, e do chefe de gabinete do governo, Ernesto Villamayor.

Já no **Equador**, a esquerda não conseguiu formar uma unidade e foi derrotada, por margem pequena de votos. Foi eleito o conservador Guillermo Lasso. Vale destacar que o ex-presidente Rafael Correa, maior liderança popular do Equador, sofre um intenso processo de perseguição judicial e foi impedido de participar das eleições presidenciais de abril deste ano.

## BRASIL

No Brasil, as forças populares retomaram as mobilizações contra o governo Bolsonaro em 29 de maio, quando mais de 420 mil pessoas, em todos os estados do país, tomaram as ruas do país aos gritos de “Fora Bolsonaro”. Outro grande ato está previsto para ocorrer no próximo sábado, 19 de junho. Os organizadores ligados aos movimentos sociais, entidades sindicais e organizações da sociedade civil esperam colocar 1 milhão de pessoas contra o governo Bolsonaro e em favor do auxílio emergencial de R\$ 600 e contra a condução da pandemia da Covid-19.

O caso é que o presidente Jair Bolsonaro enfrenta forte rejeição popular pela condução desastrosa da pandemia – que já matou quase 500 mil brasileiros – e está perdendo espaço na corrida presidencial de 2022 para o ex-presidente Lula, que lidera todas as pesquisas de intenção de voto para a eleição, enquanto Bolsonaro e bate recordes de impopularidade.

Bolsonaro segue com seu ne-

# VITÓRIA DE CASTILLO NO PERU É UM SINAL PARA BOLSONARO

Líderes das esquerdas brasileiras comemoraram a eleição de Pedro Castillo à Presidência do Peru. “Vemos com muita alegria, com ares positivos para a região. Castillo é trabalhador e tem posições progressistas. O povo peruano merece um governo democrático e popular. Que a esperança de uma América Latina mais justa e solidária chegue logo ao Brasil”, avalia a presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann.

Para outros dirigentes dos partidos de esquerda do Brasil, a nova derrota da direita latino-americana, em especial do sobrenome Fujimori, responsável por uma das principais ditaduras na região, na década de 1990, é um bom presságio. Cresce a recente onda de resultados favoráveis à esquerda na América Latina – à exceção do Equador –, o que, avaliam outros dirigentes, é o prenúncio da derrota de Jair Bolsonaro em 2022.

O deputado federal Rogério Correia (PT-MG) avalia que o resultado no Peru é reflexo do desgaste do projeto privatizante e ultraliberal adotado em muitos países da região, como o Brasil. “Claro que o primeiro governo de esquerda no Peru

não deve ser fácil. Mas mostra que os ventos têm soprado de maneira diferente na América Latina”, aponta, lembrando dos resultados na Argentina, na Bolívia e na formação da Constituinte no Chile.

“À exceção do Equador, em todas as últimas eleições a esquerda ganhou. A gente vê como isso também pode repercutir positivamente no Brasil”, diz. “É um grande avanço para a América Latina, que vai se recompondo dessa onda de direita que assolou os países da região, para a infelicidade dos direitos sociais e da vida do povo”, diz a deputada federal Alice Portugal (PCdoB-BA). “Espero que o Brasil em breve siga esse caminho [em 2022]. Se puder ser antes, fora Bolsonaro”.

O presidente nacional do PSOL, Juliano Medeiros, também comemorou o resultado das urnas peruanas. “Vitória de [Alberto] Fernández na Argentina e de [Luiz Eduardo] Arce na Bolívia. Derrota acachapante da direita nas eleições para a Assembleia Constituinte no Chile. Virtual vitória de Pedro Castillo no Peru. Povo nas ruas no Paraguai e na Colômbia. Tem algo acontecendo na América. Há motivos para esperança”. •

gacionismo e obscurantismo que conduziu o país a maior crise sanitária de toda a história. São inúmeras as iniciativas do presidente que sinalizam para a tentativa de afrontar um resultado desfavorável das eleições de 2022. Há uma clara tentativa de articular forças golpistas, que incluem milícias, parte das polícias militares e, aparentemente, um setor das Forças Armadas.

Por isso, as mobilizações populares no Brasil têm um papel estratégico de defesa do Estado Democrático de Direito e serão decisivas para garantir eleições limpas e que o resultado seja respeitado. Lula segue se fortalecendo e articulando um amplo leque de forças para vencer e iniciar um novo governo de reconstrução nacional, a partir de 2022. •

# UM CASTILLO INEXPUGNÁVEL

Por Atilio A. Boron | Página 12

**P**edro Castillo chega à reta final da contagem eleitoral com uma diferença de cerca de 80 mil votos a seu favor. Resta apenas a ratificação oficial de sua vitória, que deverá ser resolvida em questão de horas. A ambiguidade se deve à variação infinitesimal que poderia resultar do exame dos registros observados, preenchidos incorretamente ou com assinaturas ilegíveis.

Mesmo assim, a vitória do professor rural é irreversível. E é isso que explica que desde a tarde de terça-feira, 8, os boatos e as mentiras da direita peruana e continental começaram a bater no remendo da fraude. Mas Adriana Urrutia, da Associação Civil Transparência, instituição que destacou 1.400 observadores no Peru e em centros de votação no exterior, rejeitou imediatamente a denúncia. Ela diz que “não há evidências que nos permitam falar em fraude eleitoral”. Tal afirmação é consistente com a aquela dada a órgãos de imprensa pelos observadores da União Interamericana de Organizações Eleitorais e nada menos que os enviados da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Celebridades peruanas outrora loquazes como Mario Vargas Llosa e Jaime Bayly foram chamadas a um silêncio retumbante. O primeiro escreveu que “ardia de desejo” de celebrar o triunfo da hipercorrupta que até poucos meses atrás era o alvo preferido de seus ataques mais furiosos e devastadores.

Como diria Jorge Luis Borges, essa cambalhota não foi fruto do amor, mas do horror de que sua atormentada alma colonial

produzisse a única possibilidade de um homem do povo, um humilde professor rural, conseguir o que ele próprio não conseguiu em 1990: ser presidente do Peru. E agora Llosa queima, mas com ódio e fúria, diante da luz cegante de um personagem que difamou, insultou e lutou ferozmente e implacavelmente.

Bayly, outro espírito colonizado até o âmago, cansou-se de difamar a figura de Castillo. Acusou-o de ser chavista, castro-chavista, esquerdista, comunista e até deu a entender que poderia ser um “senderista”. Como na Argentina, o pseudo-jornalismo não reconhece limites éticos de nenhum tipo. Seus porta-vozes podem mentir diariamente e com absoluta impunidade. O complemento das fake news e a blindagem midiática cultivado pelos pistoleiros é o lawfare. O que quer que Bayly diga contra o futuro presidente peruano, a

justiça sempre estará lá para proteger o publicitário do império.

Em termos proporcionais, Castillo levou quase meio ponto percentual à frente de Keiko Fujimori. Certamente foi uma eleição muito acirrada. Mas para quem afirma que esta não é uma diferença suficiente, recordo que em 2016 Keiko perdeu nas mãos de outro corrupto, Pedro Pablo Kuczynski, por 40 mil votos e 0,20 do total de votos válidos. Agora a diferença é dupla, em termos absolutos e percentuais.

Não há motivo para ignorar a vitória de Cajamarca. Em uma democracia, quem tiver mais votos vence, e Castillo tem o bastante. John F. Kennedy derrotou Richard Nixon em 1960 por uma diferença percentual igual a 0,17%. Por que motivo esse número é bom nos Estados Unidos e um número muito maior não seria no Peru?



## Por que Castillo ganhou?

A vitória de Castillo é um evento encorajador porque mostra que se houver um candidato que representa e interpreta fielmente o sentimento popular, todos os poderes do establishment podem ser derrotados. Os empresários que ameaçaram fechar as portas e deixar seus trabalhadores na rua atiraram nele. A oligarquia mentirosa e manipuladora da mídia. A classe política tradicional. Os altos servidores públicos do Estado e até a maioria dos jogadores de futebol da seleção peruana, além de Vargas Llosa e Bayly. Castillo fez sua campanha com zero de dinheiro, sem consultores de imagem e sem os caros consultores eleitorais. Ele não precisava de nada disso. Venceu porque ouviu o clamor popular. Soube ouvir a voz da rua.

Castillo não só ganhou a eleição, como também recebeu um prêmio inesperado: derrotou Keiko, 65 contra 35 por cento dos votos em nada menos que Arequipa, a casa de seu caluniador mais cruel que, por essa razão também, deve estar queimando como um chá medieval enquanto se perguntava: Quando Marito [Mário Vargas Llosa] se ferrou?

Ele costuma alternar com presidentes e reis, com ministros e eminências. A ser tratado com a distinção devida a um Marquês do Reino de Espanha. E foi espancado na sua terra natal por um humilde professor de Cajamarca, precisamente de Chota, que da noite para o dia parece personificar os traços de alguns dos seus mais admiráveis heróis e romances. Além do mais, eu diria que muitos deles devem estar desfrutando do doce sabor da vingança contra o escritor que os criou e que, ao deixar o mundo da ficção, tornou-se o inimigo mortal de suas amadas criaturas, eternos sonhadores e lutadores por um mundo melhor. •

Sociólogo marxista argentino, é colaborador do jornal *Página 12*.

# LAVA JATO PERUANA PEDE PRISÃO DE KEIKO

Em pleno processo de apuração, com Keiko Fujimori denunciando o virtual presidente do Peru, Pedro Castillo, de fraude nas eleições presidenciais, a candidata da direita tomou uma invertida na quinta-feira, 10. O promotor José Domingo Pérez, que trabalha na equipe da Lava Jato peruana, solicitou ao juiz Víctor Zúñiga Urday a revogação da medida que concede liberdade provisória a Keiko. Agora, o promotor quer sua prisão preventiva.

Keiko busca na Justiça reverter a pequena diferença pela qual vem sendo derrotada na disputa com o esquerdista Pedro Castillo, do Perú Libre. Mas ela própria é quem está enredada numa teia de corrupção, lavagem de dinheiro, uso de caixa dois e suborno em suas próprias campanhas eleitorais. Ela ficou presa por mais de um ano enquanto a investigação se desenrolava.

O promotor fez o pedido alegando que a filha de Alberto Fujimori - também condenado e preso por corrupção depois de catastrófica passagem pela Presidência do Peru - não cumpre a restrição determinada de não se comunicar com testemunhas em processo. Pérez afirma que há evidências "públicas e notórias" de contatos com o deputado Miguel Torres Morales, também acusado por crimes e com quem Keiko estava proibida de falar.

O revés chega no momento em que a contagem de votos se aproximava do fim. Com 99,99% das urnas apuradas, Castillo ostenta 50,20% da preferência da população peruana, contra 49,79% de Keiko.

Na tarde de quarta-feira, 9, a candidata conservadora fez pronúncia no qual apontou supostas irregularidades cometidas por apoiadores de Castillo. Ela o acusou de "fraude sistemática" e apresentou pedidos de impugnação de diversas atas de votação ao Júri Nacional de Eleições.

Quando apareceu à frente de Castillo, nos primeiros relatórios divulgados pela Onpe, o órgão eleitoral peruano, com quase seis pontos percentuais de vantagem, Keiko reagiu com

moderação e pediu prudência a seus eleitores, afirmando que não havia vencedores ou derrotados na eleição e defendendo a unidade dos peruanos.

No domingo, durante o café da manhã com eleitores - uma tradição dos candidatos presidenciais no dia da votação -, ela disse que aceitaria os resultados e assumiu o compromisso de respeitar a vontade popular. "Será a decisão que o nosso país definir, se tenho que servir como presidente ou como uma simples cidadã". Keiko parece ter mudado de ideia. Tem sorte de não sair da disputa amargando a derrota e uma detenção. •



# POLÍCIA ESTÁ DOENTE, MAS BOLSONARISMO PERDE FORÇA

Excessos da PM, marcada pela histórica ligação com a ditadura militar, ainda ocorrem, como no Rio, onde grávida de 24 anos morre vítima de “bala perdida”. Mas há esperança, como os policiais antifascistas. O desafio ainda é muito grande

Por Pedro Camarão

**A** violência policial provoca traumas com os quais a sociedade mas, principalmente, os moradores de bairros das periferias, na esmagadora maioria, pretos – vítimas de um genocídio estrutural –, são obrigados a conviver. As situações traumáticas são desesperadoras. É o caso da morte da jovem Kathlen Romeu de 24 anos, que estava grávida de 14 semanas. Ela foi vítima de um disparo de fuzil que atravessou seu pulmão, na terça-feira, 8, no Rio de Janeiro.

Mais uma vez, morte provocada pelo confronto entre policiais e traficantes no Rio. O caso gerou comoção no país. O pior é que a situação absurda não é exceção, segundo levantamento realizado pela plataforma Fogo Cruzado. Os números mostram que 15 gestantes foram baleadas na Grande Rio. Nove bebês e oito mulheres morreram. Do total, 4 foram baleadas em ações policiais.

Os excessos da polícia são um problema estrutural. Essa conclusão é de especialistas responsáveis pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. É possível mencionar muitos outros casos de violência policial, como a operação na Favela do Ja-

carezinho – realizada pelo grupo de elite da Polícia Civil, em maio. Ou ainda o ataque a manifestantes no Recife em que dois homens, que sequer participavam dos atos, foram atingidos por balas de borracha nos olhos e perderam parte da visão.

Existe ainda o caso em Goiás, em que um professor foi detido por manter faixa presa no carro com as palavras “Fora Bolsonaro genocida”. São violências de tipos diferentes, que afetam grupos distintos da sociedade e de maneiras que não são semelhantes. Mas, o que existe de comum em todas as situações é a insegurança provocada por agentes e grupos que deveriam fazer a segurança.

De acordo com o Anuário Bra-

## DE ONDE VEM O TIRO?

No Rio de Janeiro, a morte de Kathlen Romeu, de 24 anos, mais uma vítima de “bala perdida”



Instagram/Reprodução

sileiro de Segurança Pública, no primeiro semestre de 2020, período no qual o país foi atingido pela pandemia da Covid-19, e que forçou milhões de brasileiros a adotarem medidas de isolamento social, as mortes provocadas por intervenções policiais cresceram 6% em números absolutos, vitimando 3.181 pessoas.

Ex-comandante da PM de Alagoas e atualmente na reserva, o coronel Luciano Silva afirma que a violência policial é um problema que tem origem em vários fatores, mas o primeiro é a formação. “Ela faz com que [o policial] veja o cidadão como inimigo, como se fosse para uma guerra”, lamenta. Silva ainda aponta a forte ligação histórica das PMs com o Exército e a militarização como fatores que levam a essa violência.

No entanto, o coronel pondera que os casos de violência e abusos são minoria nas ocorrências policiais. A delegada Adriana Accorsi, que já foi delegada geral da Polícia Civil de Goiás e é deputada estadual pelo PT, também acredita que a formação seja o problema. Ela diz que o treinamento, herança ligada à cultura da ditadura militar, prepara para combater quem se manifesta por direitos. “Há uma espécie de guerra que estaria acontecendo entre a polícia e a sociedade”, observa.

A deputada também inclui as Guardas Municipais Metropolitanas como forças de segurança que cometem excessos e têm entendimentos inadequados em função da formação. Accorsi também coloca a impunidade e a pressão da sociedade para que os policiais sejam justos.

As condições de trabalho também são apontadas como parte do problema pelo delegado João Tayah, atuante em Manaus. Ele afirma que os policiais vivem em um ambiente muito negativo e de excesso de tensão em função do risco constante de confronto. Na sua avaliação, isso também afeta a saúde mental dos agentes. O coronel Luciano Silva concorda.

O problema é, de fato, grave. “A taxa de suicídios entre policiais militares e civis da ativa no Brasil em 2019, de 17,4 por 100 mil, foi

Arquivo



**FORMAÇÃO É PROBLEMA** Segundo o coronel Luciano Silva, o policial vê o cidadão como inimigo a ser abatido, como se estivesse em guerra

quase o triplo da taxa verificada entre a população em geral, que ficou em 6 por 100 mil habitantes em 2019”, diz o anuário.

Em meio a esse caldeirão, adiciona-se o bolsonarismo. “Essa retórica do atual presidente que sequestrou uma boa parte dos policiais é uma negativa e que depõe contra a missão da PM”, comenta

o coronel. “Eu me assusto com alguns policiais que se renderam a esse discurso fácil”.

O ex-comandante da PM considera que a ação da tropa de choque em Recife foi claramente movida por motivações políticas. Já sobre o caso em Goiás, avalia tratar-se do bolsonarismo em seu estado latente. Ele lembra que o oficial da PM goiana utilizou a farda para constranger alguém que tinha pensamento político diferente do dele.

Policial civil de Porto Alegre e vereador pelo PT, Leonel Raddde vê uma piora nos casos de violência. “De fato a polícia está mais violenta e tem atuado de forma mais truculenta. Não toda a polícia, mas grupos específicos que têm uma ligação direta com o posicionamento político dos seus membros”, adverte.

A grande incidência do discurso bolsonarista ocorreu com mais força nas eleições de 2018. Nesse período, Bolsonaro fez promessas de carta branca para matar. “Ele também sinalizou pelo discurso anticorrupção e de fortalecimento da segurança pública, embora este também não se concretizou”, aponta o delegado João Tayah.

## O MOVIMENTO ANTIFASCISTA CRESCE DENTRO DAS CORPORAÇÕES DA SEGURANÇA PÚBLICA, MAS PRECISA TAMBÉM DO APOIO DA SOCIEDADE

Outro elemento, segundo Adriana Accorsi são os programas de TV policiais que fazem coro a esse discurso de que os policiais devem agir como justiceiros. “Exigem essa postura e estimulam a população a exigir”, lamenta. No entanto, Tayah, Accorsi, Radde e o coronel afirmam que o bolsonarismo está perdendo força entre os policiais.

Eles integram o grupo Policiais Antifascistas, já presente em 20 estados. Tayah é membro do Policiais pela Democracia, movimento organizado no Amazonas. Esses movimentos pregam a ideia de uma polícia preponderantemente comunitária e que respeite todos os cidadãos e formas de pensamento.

O movimento antifascista cresce dentro das corporações, mas ainda precisa de apoio da sociedade. Os quatro entrevistados afirmam que o bolsonarismo perdeu força em função do não cumprimento de promessas de campanha. Mas, principalmente, porque

Bolsonaro causou uma série de prejuízos aos servidores públicos em geral. Eles mencionam que muitos policiais têm familiares ou cônjuges servidores e acabaram tendo suas vidas afetadas.

O coronel Luciano Silva menciona que dentro das corporações existem três grupos: os bolsonaristas, com os quais é impossível dialogar; os antifascistas; e os profissionais que não se posicionam. Com este último grupo há maior possibilidade de diálogo e uma leitura diferente do sistema, diz. Muitos não se posicionam por receio de perseguição de superiores.

Tanto Accorsi quanto Radde apontam que o bolsonarismo está mais presente nas polícias militares. Na civil, o discurso perdeu muita força. Entretanto, ambos compreendem que a simples existência dessa parcela já é um risco para a sociedade.

As tentativas de Bolsonaro de estimular a adesão de policiais a um movimento de revolta contra

a sua possível derrota nas eleições de 2022 geram preocupação porque existem agentes que são radicais, mas são minoria. “Acho que pode haver a iniciativa individualizada de alguns policiais”, alerta Tayah. Ele vê as cúpulas das polícias muito insatisfeitas com o governo. “Essa é uma possibilidade real”, pondera Radde.

O ativista gaúcho considera que as atitudes dos governadores serão fundamentais no processo de aproximação ou afastamento dos policiais com relação à retórica do presidente. Por outro lado, a rixa histórica entre as esquerdas e as polícias é um problema porque dificulta qualquer tentativa de aproximação. Os próprios policiais ouvidos pela reportagem confessam que não são bem aceitos por parte dos integrantes da esquerda. Todos são unânimes em dizer que as esquerdas precisam reconstruir suas formas de pensar a segurança pública e também a relação com as polícias. •

## OAB DIZ QUE A PM DESOBEDECEU UMA DECISÃO DO SUPREMO

A Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ afirma que há elementos para classificar como ilegal a ação policial que resultou na morte na terça-feira, 8, da designer de interiores Kathlen Romeu, no Complexo do Lins, Zona Norte do Rio. Para a comissão, a ação desobedeceu decisão do Supremo Tribunal Federal, que já havia proibido operações policiais durante a pandemia. A PM sustenta ter reagido a um ataque criminoso.

A morte de Kathlen, jovem de 24 anos enquanto caminhava com a avó, Sayonara Oliveira, por uma rua da comunidade, comoveu o país e ganhou repercussão internacional, levando moradores de Lins a tomar as ruas na noite de quarta-feira. Ela foi atingida por um tiro de fuzil e estava grávida de

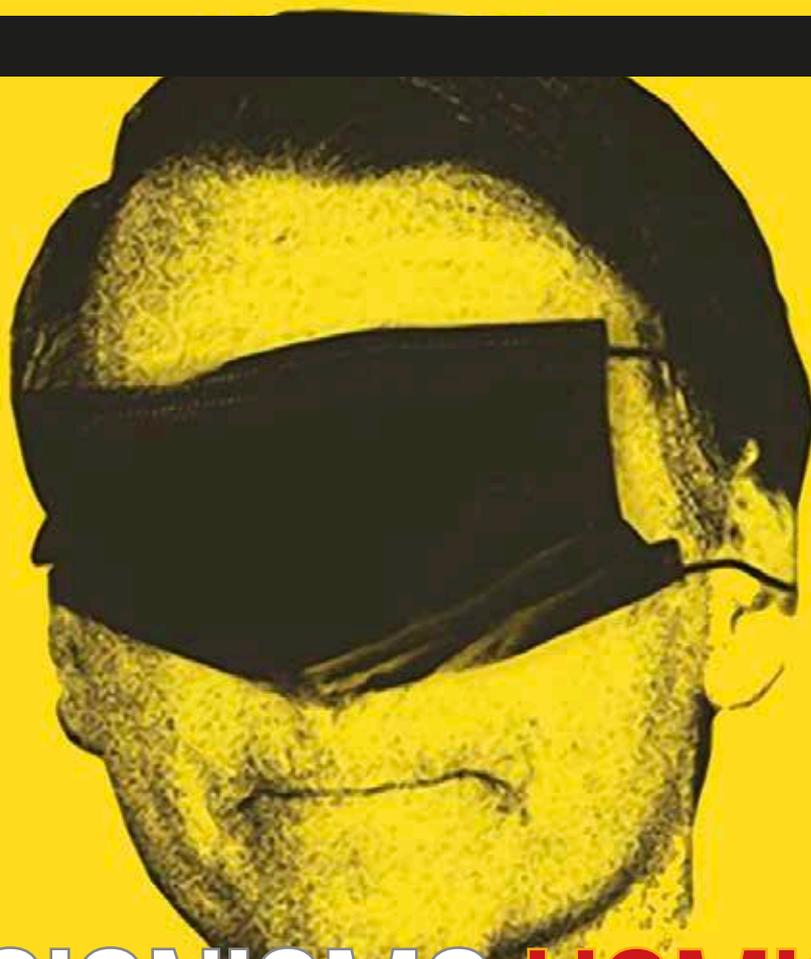
três meses. Jakelline de Oliveira, mãe de Kathlen, responsabilizou a PM pelo trágico desfecho da ação.

O advogado Rodrigo Mondego, procurador da comissão de Direitos Humanos, diz que os relatos de moradores e de familiares da jovem assassinada apontam que os PMs aplicaram um método chamado de “troia” – quando agentes ficam escondidos em uma casa para surpreender traficantes. Policiais teriam disparado em direção a um ponto de venda de drogas e um dos tiros atingiu Kathlen.

Na avaliação da OAB, a ação descumprir a decisão da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635, tomada pelo STF, que restringe operações durante a pandemia. Polícias do Rio

só podem agir dentro das favelas em casos excepcionais e aplicando medidas para reduzir mortes. A PM afirma que não houve operação policial. A versão é de que houve revide à ação de homens armados, que teriam atacado uma equipe da UPP Lins.

Mondego diz acreditar que a investigação da Polícia Civil vai esclarecer o fato. Ele afirma que os policiais têm a presunção de inocência garantida, mas que a versão da família não pode ser desconsiderada. “Tem que se garantir também a ‘presunção de verdade’ da família, de uma avó que viu a neta praticamente morrer em seus braços. O Estado não pode, imediatamente, tratar essa avó como se ela estivesse mentindo”. •



# NEGACIONISMO HOMICIDA

Bolsonaro volta a promover a barbárie e anuncia que o governo federal vai desobrigar o uso de máscaras para aqueles que já tiveram Covid ou foram vacinados

Com o Brasil próximo de atingir a trágica marca de 500 mil mortos por Covid-19, o presidente Jair Bolsonaro voltou a espantar o mundo com declarações negacionistas e mentirosas sobre o enfrentamento da pandemia no país. Ele anunciou que o governo vai recomendar aos brasileiros que já tiveram Covid, ou aqueles que já foram vacinados, sejam dispensados do uso de máscaras - um protocolo básico recomendado por infectologistas e pela Organização Mundial da Saúde.

Além das declarações estapafúrdias em torno da liberação da

máscara - um disparate, segundo especialistas e médicos - o presidente também voltar a promover novos ataques contra a China e colocou em dúvidas a eficácia das vacinas e as medidas não farmacológicas de contenção da expansão do vírus. Sem se importar com o cerco da CPI à sua declarada estratégia que já provocou a morte de 485 mil brasileiros, Bolsonaro volta a assombrar.

Durante culto evangélico em Goiás, na quarta-feira, 9, o presidente insinuou que o coronavírus foi criado propositalmente em um laboratório chinês. "Depois tivemos um problema seríssimo, a tal da pandemia. Ainda, eu não tenho

provas, mas esse vírus nasceu de um animal ou de um laboratório?", questionou. "Eu tenho da minha cabeça de onde ele veio e para quê. Mas ele está aí, está entre nós", disse.

As agressões de Bolsonaro à China ocorrem quando a vacinação em massa patina no Brasil em razão da falta de insumos e vacinas importadas daquele país. Em maio, o ex-capitão afirmou que existia uma "guerra química" e que a China foi o país que mais cresceu durante a pandemia.

Além disso, Bolsonaro colocou em dúvidas a eficácia das vacinas contra a Covid-19 e defendeu, sem apresentar provas, que o vírus

foi politizado para prejudicar o governo. “A vacina tem comprovação científica ou está em estado experimental ainda? Está experimental”, disse. “Passamos momentos difíceis. Começou-se a utilizar politicamente o vírus, ‘vamos fechar tudo, lockdown, toque de recolher, que a gente pela economia tira esse cara daí’”.

As declarações mentirosas do presidente não pararam por aí. Em live nas redes sociais, na quinta-feira, 10, Bolsonaro declarou que “milagre” para o Brasil ter “poucos óbitos” foi o tratamento precoce. “O tratamento inicial dá certo e fui um dos raros chefes de Estado que apostou nisso. O milagre, com toda a certeza, depois de termos, uma vez, apurado esses números aqui, pelo menor número de mortes por milhão de habitantes é o tratamento inicial, é o remédio da malária e do piolho. Não tem outra explicação”, afirmou.

As declarações de Bolsonaro esbarram na realidade. No Brasil, morrem quatro vezes mais pessoas por Covid-19 do que a média mundial. Em todos os levantamentos, o país está entre os que mais morrem pessoas pela pandemia no mundo, quando considerado o número de óbitos em relação ao tama-

nho da população. Informações da publicação digital especializada “Our World In Data”, do início de maio, colocam o Brasil como a Nação com mais mortes por Covid-19 em relação à sua população entre aquelas mais populosas do planeta.

Sobre o uso da cloroquina, diversas instituições de saúde, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS), tem alertado para a ineficácia do medicamento e de outros – como a hidroxicolorina e a ivermectina – para o tratamento da Covid-19. Os próprios fabricantes e o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, já se posicionaram publicamente reconhecendo a ineficácia comprovada do chamado “tratamento precoce”.

O mentiroso continuou a aprontar ao longo da última semana. Para minimizar o desastre da condução desastrosa do enfrentamento da pandemia no Brasil, Bolsonaro citou um relatório falso produzido por um auditor do Tribunal de Contas da União, que menciona supernotificação dos números de mortes por Covid-19 no país. Segundo o documento fraudulento, 50% das mortes pela pandemia em 2020 tiveram outras causas. Entretanto, o próprio TCU desmentiu a existência do relatório e o

auditor confessou ter inserido os dados falsos no sistema, foi afastado. O relatório havia sido encaminhado a Bolsonaro pelo pai do auditor, que é amigo pessoal do presidente.

Na contramão do mundo, durante cerimônia no Palácio do Planalto, ainda na quinta, Bolsonaro afirmou que o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, está preparando um parecer para desobrigar o uso de máscara para quem se vacinou ou contraiu Covid.

“Acabei de conversar com um tal de Queiroga, não sei se vocês sabem quem é, nosso ministro da Saúde. Ele vai ultimar (sic) um parecer visando a desobrigar o uso de máscaras para aqueles que estão vacinados ou que já foram contaminados para tirar esse símbolo que obviamente tem utilidade para quem está infectado”, anunciou, sob aplausos da plateia de apoiadores.

A reação foi imediata. O próprio ministro Marcelo Queiroga reconheceu que o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras depende do avanço da vacinação. Já o presidente do Fórum dos Governadores, Wellington Dias (PT-PI), comparou a iniciativa de Bolsonaro com jogar querosene em um incêndio, enquanto todos tentam apagar o fogo. •

## #19J: CONTRA O NEFASTO; POR VACINA E RENDA

A Campanha Fora Bolsonaro, iniciativa que se reúne há um ano e meio, integrada pelas frentes Brasil Popular, Povo Sem Medo, partidos de esquerda, centrais sindicais, Coalização Negra por Direitos, UNE, UBES, CMP, MTST, MST, Fórum Nacional de ONGs e outras diversas organizações da sociedade civil, definiu o 19 de junho como novo Dia Nacional de Mobilização Fora Bolsonaro.

Os atos de 29 de maio mostraram que não há mais retorno nas

lutas sociais de rua contra Bolsonaro consideradas fundamentais para enfrentar e vencer o governo do atraso, da fome e da morte.

Existem riscos, os mesmos aos quais se submetem a maioria do povo todos os dias na batalha pela sobrevivência. Riscos só superados pela presença nefasta de Bolsonaro à frente do governo. Por isso, todos devem tomar cuidados para evitar contaminação. Aqueles que não tiverem condições de ir às ruas, devem se ma-

nifestar nas redes, nas janelas, nos portões de casa.

A mobilização do #19JForaBolsonaro será também a mobilização pela vacina a todos os brasileiros pelo SUS e pelo auxílio-emergencial de R\$ 600 até o fim da pandemia. Os atos também se mobilizarão contra os cortes na educação, a reforma administrativa e as privatizações, e em defesa das lutas do povo negro contra a violência e o racismo, dos serviços públicos e da soberania. •



# QUE FLAGRA!

Conversa de Bolsonaro com premiê indiano escancara o tráfico de influência dentro do Palácio da Alvorada. Presidente pediu ao primeiro-ministro para liberar insumos a empresários donos dos laboratórios EMS e Apsen, que produzem cloroquina. Senador Rogério Carvalho (PT-PE) apresenta denúncia à PGR

**U**m flagrante de tráfico de influência foi detectado no Palácio da Alvorada, com o presidente Jair Bolsonaro em plena atividade para beneficiar empresários amigos da família. Documentos repassados pelo Itamaraty à CPI da Covid confirmam o que antes era apenas uma suspeita: a pandemia tornou-se um negócio lucrativo que ajuda a financiar o bolsonarismo.

Na quinta-feira, 10, O Globo divulgou a conversa entre Bolsonaro e o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, ocorrida em 4 de abril de 2020, na qual o brasileiro pediu que o parceiro dos BRICS liberasse a exportação de insumos para que empresas nacionais pudessem produzir a hidroxiclороquina. O que acabou acontecendo cinco dias depois.

O senador Rogério Carvalho (PT-SE) denunciou à Procuradoria Geral da República o presidente por "tráfico de influência". "São provas graves de que ele [o presidente] agiu para favorecer empresas, enganar o Brasil com a cloroquina, ignorar a vacina e promover imunidade de rebanho, com contaminação dos brasileiros ao vírus", criticou o senador, que integra a CPI.

No telefonema de Bolsonaro a Modi, ocorrido há mais de um ano, o presidente cita nominalmente duas companhias que foram beneficiadas pela Índia: EMS e Aspen. Ambas são comandadas por empresários com relações com o bolsonarismo. O presidente da Apsen, Renato Spallicci, é um apoiador da família. Ele não apenas declarou voto no presidente em 2018, como tem várias postagens nas redes sociais com

ataques a adversários do governo. Ou seja, é bolsonarista convicto. Spallicci foi convocado a prestar depoimento na CPI.

O CEO da EMS, Carlos Sanchez, é outro bolsonarista de carteirinha. Ele já foi recebido pelo presidente para reuniões no Palácio do Planalto e participou de jantar com empresários realizado em São Paulo no qual Bolsonaro foi ovacionado, há dois meses, num encontro organizado com a finalidade do empresariado aliado do governo e do ministro da Fazenda, o ultraliberal Paulo Guedes.

"Cloroquina é eficaz mesmo para o bolso de quem tá ganhando milhões com a sua venda no Brasil. E a CPI da Covid vai rastrear esse caminho milionário", anunciou o senador Humberto Costa (PT-PE). Entre março de 2020 e março de 2021, as farmácias brasileiras venderam 52

milhões de comprimidos das drogas propagandeadas pelo presidente da República. Só a hiroxicloroquina vendeu 32 milhões de cápsulas.

Enquanto insistia na compra de medicamento ineficaz para o tratamento inexistente aos doentes pela Covid, o governo continuou no ano passado a fazer corpo mole para a oferta de vacinas. Um novo documento em poder da CPI mostra que a Pfizer procurou a Embaixada do Brasil nos EUA, no ano passado, cobrando uma resposta sobre a oferta do imunizante. A farmacêutica se reuniu com diplomatas em agosto, em Washington, para falar dos riscos de o país não responder à oferta.

Ainda na quinta-feira, 10, diante do flagrante de tráfico de influência executado criminosamente a partir do Palácio da Alvorada, conforme revelou O Globo, o presidente anunciou que pediu ao Ministério da Saúde um parecer para tornar não obrigatório o uso de máscaras por quem já teve Covid. A medida é considerada temerária e insana, de acordo com infectologistas, porque representa uma ameaça à saúde pública.

O relator da CPI, Renan Calheiros (MDB-AL), viu a iniciativa como mais uma manobra diversionista do presidente, na tentativa de lançar nova cortina de fumaça para distrair a opinião pública. “Logo que foi descoberta sua atividade de lobista de cloroquina, o presidente muda o assunto e declara guerra à máscara”, observa Renan. “Quer o Brasil exposto ao vírus. Temos um Jim Jones na Presidência. A diferença é que o louco americano induziu ao suicídio e o brasileiro quer o assassinato em massa”, alfineta. •



## PAZUELLO NA MIRA DA CPI

Comissão quebra o sigilo do general, de Ernesto Araújo e integrantes do “Gabinete das Sombras”, além de auditor do TCU suspeito de fraude

A CPI continua avançando na busca de provas que permitam apontar as responsabilidades pela condução da pandemia, que já vitimou 485 mil brasileiros. Os senadores aprovaram na quinta-feira, 10, a quebra de sigilo telefônico e telemático dos ex-ministros Eduardo Pazuello (Saúde) e Ernesto Araújo (Relações Exteriores) e de integrantes do chamado “Gabinete das Sombras”, estrutura de aconselhamento do Palácio do Planalto quanto à pandemia e na defesa de teses negacionistas.

As quebras de sigilo permitirão acesso aos registros de conversas telefônicas, conteúdos de mensagens, histórico de pesquisas na internet e eventualmente à localização. Os requerimentos preveem a quebra dos sigilos de abril de 2020 até agora.

Também teve o sigilo quebrado o auditor Alexandre Figueiredo Costa e Silva, do Tribunal de Contas da União (TCU). O servidor elaborou um relatório fraudulento apontando supernotificação nos dados de mortes por Covid. O documento foi citado

por Bolsonaro, que foi desmentido pelo TCU e depois se retratou.

Os senadores querem promover uma devassa no que chamam de “gabinete paralelo”, também por meio das quebras de sigilo permitirão deixar clara a articulação do grupo. Um dos sigilos quebrados é o do médico Paolo Zanotto, que aparece em vídeo com Bolsonaro, defendendo a criação de um “gabinete das sombras”.

Também teve sigilo quebrado o empresário bilionário Carlos Wizard, considerado próximo a Bolsonaro e que se tornou também um dos principais conselheiros de Pazuello. Alvo do Ministério Público Federal por ter feito um gesto considerado racista, Filipe Martins, assessor internacional da Presidência da República, é outro personagem ligado ao paralelo que terá o sigilo quebrado.

Os membros da CPI também aprovaram requerimento que prevê a quebra de sigilos telefônico e telemático da secretária de Gestão do Trabalho e da Educação do Ministério da Saúde, Mayra Pinheiro. •

# A CASA CAIU, BOLSONARO

CPI já tem as provas de que o presidente da República promoveu genocídio como política oficial de Estado. Se não bastasse, por trás do “Gabinete das Sombras” houve interesses econômicos em defesa da cloroquina

Por Elvino Bohn Gass

**A** CPI da Covid nem chegou à metade dos trabalhos e já pôde comprovar, com documentos robustos, que o governo de extrema direita Jair Bolsonaro agiu com um norte genocida no combate à pandemia de Covid-19, que já matou quase meio milhão de brasileiros. Um estudo feito pela USP, a pedido da CPI no Senado, mostra que Bolsonaro não foi incompetente nem negligente. Ao contrário. Houve empenho e eficiência em prol da ampla disseminação do vírus no território nacional, em nome de uma tese não científica da imunização de rebanho, a pretexto de salvar a economia.

A casa caiu. O documento da USP tem provas contundentes da necropolítica em curso no país, ao longo de 16 meses de pandemia, com mortes via contaminação geral e com o aprofundamento da crise econômica e social. Descaso e desprezo ao povo brasileiro, materializados numa política de saúde genocida e, no plano econômico, com diretrizes ultraliberais para favorecer os milionários e bilionários, enquanto trabalhadores e classe média empobrecem a cada dia.

Quantas vidas foram perdidas por falta de imunizantes? Não há como saber o número exato, mas especialistas afirmam que foram milhares. Quantas pessoas mor-

reram devido à necropolítica de um capitão que tratava a pandemia como “gripezinha”? A mais grave crise sanitária da história brasileira foi tratada de forma irresponsável, com um governo paralelo na área de saúde.

**O CÁLCULO DA USP É DE QUE PRESIDENTE AGIU DE FORMA INTENCIONAL A PROVOCAR A MORTE DE PELO MENOS 1,5 MILHÃO DE BRASILEIROS**

O cálculo da USP é de que Bolsonaro agiu intencionalmente para provocar a morte de pelo menos 1,5 milhão de brasileiros. Já há elementos para denunciar Bolsonaro em tribunais internacionais pela prática de genocídio.

Afora isso, evidencia-se que por trás do “Gabinete das Sombras” houve interesses econômicos em defesa da cloroqui-

na, comprovadamente ineficaz contra a Covid-19. A CPI vai seguir o rastro do dinheiro e, com certeza, identificará por que um certo capitão posava até com caixas de cloroquina. Agiu como charlatão, pois não é médico, e induziu pessoas à morte.

E, como caixeiro-viajante, propagandeou remédio dos laboratórios Apsen Farmacêutica e EMS, cujos donos são bolsonaristas e próximos a ele, como já identificou a CPI. Só um dos laboratórios bolsonaristas recebeu R\$ 153 milhões em financiamento do BNDES.

O capitão fez gestões junto ao governo da Índia não para a compra de vacinas, mas para que os dois laboratórios recebessem de lá insumos para a produção de cloroquina. Interesses não republicanos pairam sobre o Palácio do Planalto.

O rol de crimes é enorme. Atos normativos, ações que compreendem obstrução de medidas de contenção da doença adotadas por governos estaduais e municipais, omissões sanitárias, propaganda contra a saúde pública, notícias falsas e informações técnicas sem comprovação científica etc.

A lista de crimes vai aumentar à medida em que avançar o trabalho da CPI. Não há outro caminho a não ser o impeachment já do capitão, antes que ele extermine mais brasileiros. •

Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, é líder do PT na Câmara dos Deputados

# FUNDAÇÕES PARTIDÁRIAS SAEM EM DEFESA DA CONSTITUIÇÃO

Em nota, Observatório da Democracia aponta para a gravidade da crise institucional que o país atravessa e responsabiliza diretamente Bolsonaro: “Ocorreu um ataque orquestrado pelo presidente da República à disciplina militar e, conseqüentemente, à democracia”

Nos últimos dias, a Nação assistiu estarecida a uma sequência insólita de acontecimentos. Primeiro, a exposição pública, no espaço da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a apurar responsabilidades pelas falhas no enfrentamento da pandemia, das omissões e desatinos promovidos pelo general Pazuello, quando à frente do Ministério da Saúde.

Em segundo lugar, a participação ativa do mesmo personagem em manifestação política de apoio ao presidente da República, que desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro, na condição de um de seus oradores.

Finalmente, a decisão inexplícável do Comando do Exército no sentido de aceitar as desculpas esfarrapadas apresentadas pelo general Pazuello para justificar seus atos e abdicar, conseqüentemente, da deveria recair sobre ele.

O conjunto da obra é de extrema gravidade, na perspectiva da defesa da Constituição, da legalidade democrática e da manutenção da ordem pública, objetivos que deveriam reunir todos os brasileiros, independentemente de suas preferências políticas e ideológicas.

Ocorreu, na verdade, um ataque orquestrado pelo presidente da República à disciplina militar e, conseqüentemente, à democracia, que depende também, como sabemos, da separação absoluta

entre poder político e poder militar. Militares são servidores públicos armados, a quem é vedada a intromissão na seara da política. Condescender com a quebra dessa regra nos conduz à anarquia, situação favorável a todo tipo de autoritarismo.

Nesse quadro preocupante, nós, conjunto de fundações partidárias reunidas do Observatório da Democracia, nos manifestamos de público contra a quebra da disciplina militar promovida pelo presidente da República, contra a impunidade de todos os responsáveis, em favor da manutenção e fortalecimento do papel das Forças Armadas no interior dos limites definidos na Constituição de 1988.

O presidente da República demonstrou, mais uma vez, incapacidade para exercer as tarefas inerentes a seu cargo. Cabe ao conjunto das forças democráticas persistir na política de unidade e mobilização em defesa da democracia, da liberdade e da ordem constitucional, preparando as condições para, no momento oportuno, por fim ao ciclo político atual, que ameaça a República e suas instituições. •

Fundação Astrojildo Pereira

Fundação João Mangabeira

Fundação Lauro Campos-Marielle Franco

Fundação Leonel Brizola Alberto Pasqualini

Fundação Maurício Grabois

Fundação Perseu Abramo

Fundação Rede Brasil Sustentável

Fundação Verde Herbert Daniel

Instituto Claudio Campos

Instituto Teotônio Vilela

## LULA ARTICULA ALIANÇA NO RIO

Em reunião na noite de quinta-feira, 10, com lideranças políticas do campo progressista, no Hotel Pestana, em Copacabana, no Rio, Lula disse que, para Jair Bolsonaro ser derrotado, é necessário unir não só a esquerda mas todos setores democráticos do estado, numa frente ampla com vistas às eleições de 2022. Não por acaso, Lula revelou que estava começando sua caminhada pelo país a partir do estado.

Ao discursar, o ex-presidente lembrou a importância do estado nas eleições presidenciais em que foi vitorioso (2002 e 2006), garantindo-lhe ampla vantagem sobre os adversários e neutralizando o potencial de votos de adversários em São Paulo e Minas Gerais, na época controlados pelo PSDB.

Apesar do consenso em torno de sua candidatura, Lula disse que está aberto ao debate sobre outros nomes que eventualmente surjam com viabilidade. Ele lamentou a ausência do PDT na frente firmada no ato, mas disse que entende a posição do partido de lançar candidatura própria, embora tenha discordado da posição de Ciro Gomes pelas críticas dirigidas ao PT.

A reunião contou com a presença da deputada federal e presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, os deputados federais Marcelo Freixo (PSOL-RJ), Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e Alessandro Molon (PSB-RJ), o deputado Carlos Minc (PSB-RJ), o vereador Lindbergh Farias e o ex-deputado federal Wadih Damous, entre outros. •



# AO CLARÍN, FHC ELOGIA LULA

“Ele mostrou quando foi presidente que é mais democrático do que eu imaginava. Lula fez uma ponte. Nunca esqueceu sua origem e sempre governou respeitando as leis”, diz

A imprensa brasileira não viu. Ou não quis ver. Mas o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso concedeu uma entrevista ao jornal argentino *Clarín*, na edição de sábado, 5 de junho, rasgando elogios ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e criticando duramente o atual ocupante do Palácio do Planalto. E, mais uma vez, sinalizou que votará em Lula, caso a disputa no segundo turno gire entre o líder da extrema-direita e o petista.

“Não gostaria de ver o presidente Jair Bolsonaro reeleito. Eu nunca votei negativamente. Prefiro votar positivamente”, disse. “Lula mostrou quando foi presidente que é mais democrático do que eu imaginava. Lula fez

uma ponte. Ele nunca esqueceu sua origem e sempre governou respeitando as leis. Lula representa esse sentimento médio do brasileiro que quer algo para acabar com a pobreza”.

Ao ser indagado por que os mercados estão assustados com o Lula agora, se ele governou com uma economia ortodoxa, reduziu o gasto público, gerou superávit fiscal de 5% e os bancos privados tiveram ganhos históricos, Fernando Henrique voltou a elogiar o petista. “Conheço o Lula há muitos anos. Quando o conheci, ele era o líder de um sindicato em São Bernardo [no estado de São Paulo]”, lembrou. “Lula nunca foi um homem ligado a partidos de esquerda. Mas não acho que ele seja da direita ou da esquerda. Eles vão apresentar como se

fosse um vermelho, faz parte da luta política. Mas, não é verdade, nunca foi assim”.

O ex-presidente declarou que a situação brasileira é dramática com o aumento do número de vítimas da Covid, que já alcança quase 500 mil mortos. “O presidente não pode dizer que é uma gripe. É mais do que isso”, declarou. “Quem governa deve ter compostura, deve referir-se respeitosamente a essas questões”. Segundo o tucano, “na América Latina há uma negação da realidade por parte dos governos”.

Ambos assinaram nota conjunta, no sábado, em defesa do presidente da Argentina, em que criticaram corte tarifário no Mercosul, medida que tem o apoio do ministro da Economia, Paulo Guedes. •



# LULA CONTRA O DESMONTE DA INDÚSTRIA NAVAL

Em visita ao Rio, ex-presidente visita estaleiro e conversa com líderes sindicais. E alerta que o país não pode prescindir de uma indústria naval forte: “O Brasil não é do Bolsonaro”

**E**m viagem ao estado do Rio de Janeiro, onde passou três dias, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve na sexta-feira, 11, em Nitérois, onde visitou um estaleiro para conversar com trabalhadores e líderes sindicais sobre a redução de empregos na indústria naval. No passado, o setor chegou a ter mais de 82 mil empregos diretos e 400 mil indiretos em todo o país.

“Nós em pouco tempo conseguimos criar uma indústria naval competitiva e poderosa”, lem-

brou. “O Brasil poderia ter uma das maiores indústrias navais do mundo”. Lula disse que lembrava quando a Petrobrás descobriu o pré-sal. “Tinha gente que não acreditava que conseguiríamos explorar. Hoje conseguimos tirar petróleo a 7 mil metros de profundidade”, destacou.

“Eu que já visitei tantos estaleiros ao longo da minha vida, hoje volto ao Rio com tristeza vendo o desmonte da indústria naval”, lamentou. “Deixamos de ser grande pra voltar a ser pequenos. Deixamos de produzir conteúdo nacional pra virar vira-lata de ou-

tras economias. Temos engenharia, temos tecnologia, temos mão de obra qualificada. Apenas no estado do Rio de Janeiro, a indústria naval tinha 33 mil trabalhadores. Hoje tem menos de 7 mil”, advertiu.

No encontro com sindicalistas e operários, o ex-presidente fez um alerta: “Quero mandar um recado aos trabalhadores da indústria naval: não deixem destruírem o que vocês construíram. São 15 milhões de brasileiros desempregados. A gente tem que reagir e defender esse país. O Brasil não é do Bolsonaro”, comentou. •

# ESTALEIROS SÃO “CEMITÉRIOS DE AÇO”

Ascensão e queda da indústria naval no Brasil pós-golpe. O cenário atual é de devastação e a falta de apoio governamental ameaça a sobrevivência dos estaleiros. Desemprego avança

Por William Nozaki

Os governos do PT recuperaram e ampliaram a capacidade produtiva da indústria naval no Brasil. A política de conteúdo local, as encomendas da Petrobras e o aumento da produção offshore fizeram com que o setor avançasse, em média, 19,5% ao ano entre 2003 e 2013. Esse crescimento resultou na construção de 605 embarcações até 2016 e na criação de mais de 82 mil empregos diretos e 400 mil indiretos, além da qualificação da mão de obra da cadeia produtiva de óleo e gás e do desenvolvimento da economia dos municípios onde os estaleiros foram instalados.

Infelizmente, as conquistas desse setor, viabilizadas pela expansão do investimento público e com intensa participação do investimento privado, têm sido revertidas. A Petrobras, principal demandante de navios e plataformas no país, descontinuou projetos, engavetou iniciativas e tem praticado uma política de baixo conteúdo local. Hoje, nove dos 10 FPSOs encomendados pela petrolífera brasileira estão sendo quase que inteiramente construídos em estaleiros asiáticos.

Atualmente, o cenário é de devastação e a falta de apoio governamental ameaça a sobrevivência dos estaleiros. Entre 2007 e 2015 os projetos contratados atingiram cerca de R\$ 50 bilhões, mas a partir de 2016 esse valor caiu para cerca de R\$ 1,5 bilhão, reduzindo para cerca de 15 mil o número de

empregos diretos no setor. No momento não há nenhum contrato para a construção de sondas no Brasil. A indústria de construção naval offshore brasileira está praticamente parada.

## A situação dos estaleiros no Brasil

Na região Sul, o Estaleiro Rio Grande (RS), que, no passado, construiu cascos dos FPSOs replicantes e recebeu encomendas de sondas de perfuração da Sete Brasil, opera somente como porta-contêiner. Em Santa Catarina, o Estaleiro Brasil Sul (antigo Oceana), que construiu embarcações para a Petrobrás pelo Prorefam (Programa de Renovação da Frota de Apoio Marítimo), hoje fabrica apenas um navio para a Marinha do Brasil. No mesmo estado, os estaleiros Detroit e Navship basicamente realizam reparos em embarcações de apoio construídos para operar para a estatal.

Na região Nordeste, o Enseada Indústria Naval, da Bahia, que fora inicialmente projetado para construir sondas e plataformas, virou terminal portuário. Em Pernambuco, o Vard, que já havia encerrado as atividades de uma unidade no Rio de Janeiro, está fechado, depois de entregar todos os navios encomendados pela Transpetro no âmbito de seu programa de modernização e expansão da frota (Promef). E o Atlântico Sul (EAS), que também construiu navios para a subsidiária da Petrobrás e estava entre os contratados pela Sete Brasil, faz reparos de navios de cabotagem e se prepara para entrar no mercado de descomissionamento offshore. Na região

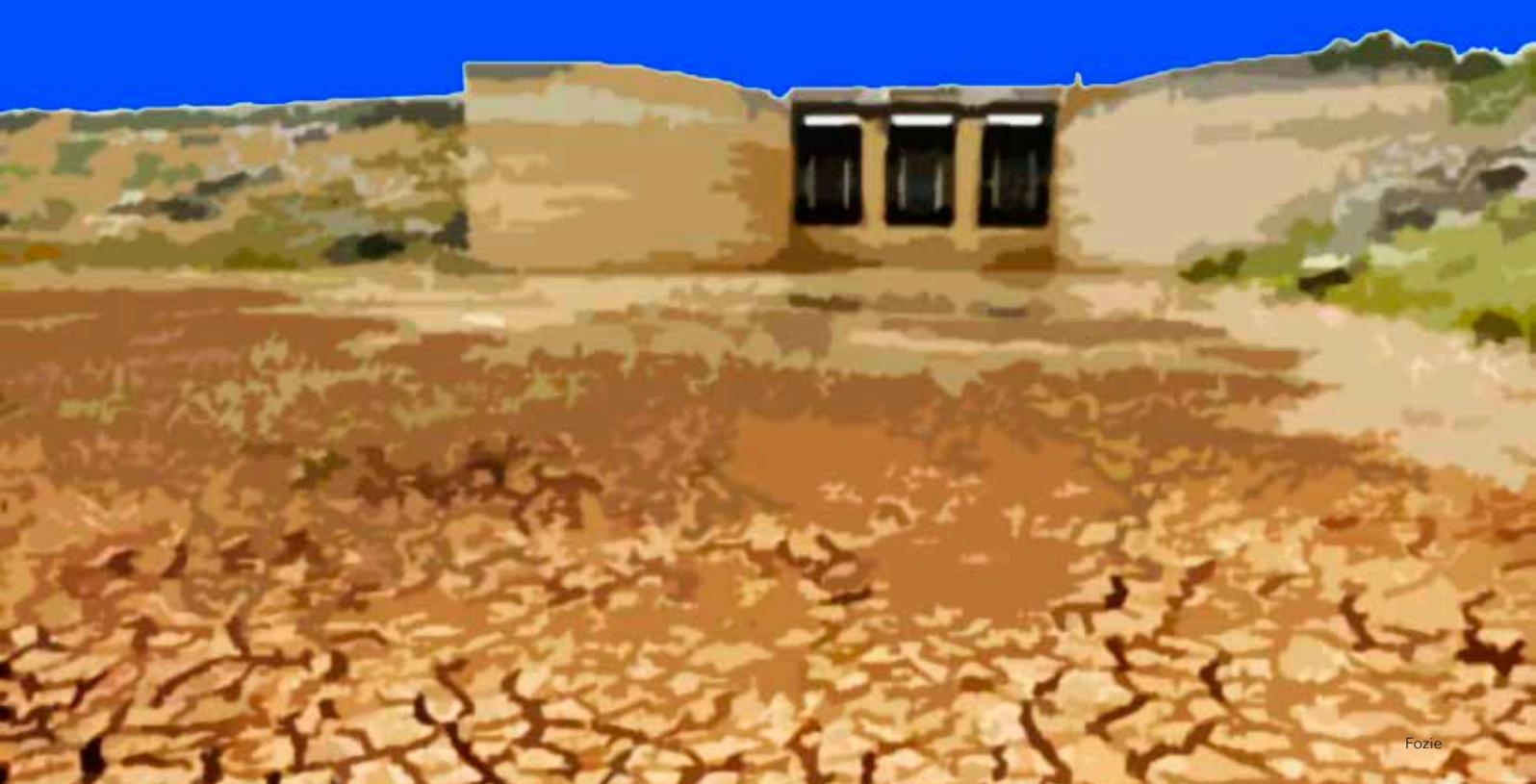
Sudeste, outro beneficiado pelo Prorefam, o Wilson Sons, no Guarujá (SP), também vive de reparos.

No Rio de Janeiro, o colapso é ainda mais intenso. Durante o processo de retomada do setor naval, nos governos Lula e Dilma, o estado tinha a maior capacidade de produção do segmento, possuía 12 estaleiros de médio e grande porte com uma capacidade de processamento da ordem de 500 mil/toneladas ano. O Rio de Janeiro chegou a ter 33 mil trabalhadores diretos em 2014, com o aprofundamento da crise o número de postos de trabalho na região caiu para menos de 7 mil.

O Brasfels, em Angra dos Reis, vinha mantendo a produção de sondas contratadas pela Sete Brasil com recursos próprios, mas esgotou suas condições de funcionamento e demitiu mais de 2 mil trabalhadores. O Eisa Petro 1, em Niterói, paralisou sua produção depois de não ganhar nenhum contrato com a Transpetro. Outros nove estaleiros estão sem atividade de construção naval ou apenas se dedicando a manutenções e reparos.

O Estaleiro Mauá deixa um rastro de mais de R\$ 6 bilhões em obras paradas, em recuperação judicial, realiza serviços de reparo em pequenas embarcações, bombas de sucção removem água de fuselagens com rachaduras e enferrujadas, ele é a síntese de uma indústria naval que afunda produzindo verdadeiros “cemitérios de aço”. •

Professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), coordenador do Centro de Altos Estudos da Fundação Perseu Abramo



Fozie

# A CRISE É DE ENERGIA

Ao afirmar que a crise é hídrica, Bolsonaro desvia a atenção para uma hipotética situação imprevisível, que não tem responsáveis senão São Pedro e o acaso do clima. O governo errou ao apostar em bonança no último período de chuvas, sem qualquer segurança. Teremos um apagão. É inevitável

Por Vicente Andreau

O governo Bolsonaro chama de hídrica uma crise que é essencialmente de energia. A operação imprudente dos reservatórios da bacia do Rio Paraná – Edvaldo Santana, ex-diretor da ANEEL, em artigo no Valor, atribui a operação irracional dos reservatórios aos modelos matemáticos de otimização do sistema – pode levar a um apagão elétrico no país e, ainda, “transbordar” para outras bacias hidrográficas e para outros diversos usos, como a suspensão da hidrovía Tiete-Paraná em julho. A operação inadequada dos gran-

des reservatórios do país pode fabricar – e fabricou – o que depois se rotula como “crise hídrica”.

Ao afirmar que a crise é hídrica, Bolsonaro desvia a atenção para uma hipotética situação imprevisível, que não tem responsáveis senão São Pedro e o acaso do clima. Segundos os relatórios do próprio governo, a falta de chuvas e a redução das vazões na bacia do Paraná acontecem há vários anos, acentuando-se nos últimos 48 meses. Isto não é imprevisível.

O que aconteceu, assim como na crise no Paraíba do Sul em 2014, no São Francisco em 2012, na própria bacia do Paraná em Ilha Solteira em 2015, é que os reservatórios são utilizados ao ex-

tremo com a expectativa de que seus volumes sejam recuperados no próximo período de chuvas. Os gráficos dos reservatórios da bacia do Paraná demonstram exatamente isto: uma utilização intensa em 2020 apostando no próximo período de chuvas, sem qualquer segurança. No Ofício 13/2021, o Operador Nacional do Sistema (ONS) não poderia ser mais claro: “a condição de aflúncias adversas no período chuvoso de 2020/2021 não levou a uma recuperação dos reservatórios conforme o esperado”.

A alternativa para evitar novo apagão energético no país é exportar a crise para outras bacias: romper com as regras de ope-

ração dos reservatórios do São Francisco, que se encontram com cerca de 65% do seu volume, depois de quase oito anos de seca.

Esse volume existe pela generosidade das chuvas em 2020, mas principalmente porque a nova regra de operação daquela bacia (Resolução 2081/17-ANA) impediu a sobre-exploração de suas águas para uso hidrelétrico. Na ponta da bacia do Rio Paraná, Itaipu pode operar abaixo de seu nível mínimo; Ilha Solteira e Três Irmãos terão que romper as regras operativas e as condições de outorga, paralisando outra vez a hidrovía Tietê-Paraná; os reservatórios da Bacia do rio Paranapanema já estão operando abaixo dos valores de armazenamento recomendados pela sala de crise coordenada pela ANA e as térmicas serão utilizadas na sua capacidade máxima em vários meses (em torno de 20 mil MW), sendo que especialistas nessa área afirmam que essas usinas podem não estar disponíveis para geração, por manutenção ou inexistência de combustível. Em todas as simulações, caso as chuvas do próximo período - novembro de 2021 a março de 2022 - atrasem ou não venham com alguma intensidade, 2022 será o ano do Apagão Bolsonaro. Inevitavelmente.

O Brasil tem 175 mil MW de capacidade elétrica instalada, com pouco mais de 62% de matriz hidráulica, que já foi de mais de 90% na década de 1980. A matriz térmica responde por cerca de 24% e os cerca de 12% restantes de fontes eólica e solar. Essa diversidade de fontes permitiria - e está a exigir! - uma operação diferenciada do sistema, além de uma opção clara para expansão das fontes alternativas. A título de comparação, os EUA têm uma capacidade instalada total de mais de 1.100 GW contra 157 GW no Brasil - segundo a Anuário Estatístico de Energia Elétrica 2020.

A fonte hidráulica dessa capacidade instalada tem valores semelhantes: 103 GW nos EUA, 100 GW no Brasil, sendo que, no entanto, a geração hidrelétrica no Brasil é cerca de 25% maior, ou seja, as hidrelétricas operam mais no Brasil. Fontes alternativas são 150 GW nos EUA (maior do que capacidade instalada de fonte hidráulica) enquanto no Brasil representam apenas cerca 25% da hidreletricidade.

Em resumo: a capacidade hidrelétrica instalada dos EUA é

## AS LIÇÕES DAS CRISES ANTERIORES DEMONSTRAM A VISÍVEL FRAGILIDADE DE RECURSOS HÍDRICOS DIANTE DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

semelhante à do Brasil, as águas de seus reservatórios são mais preservadas e há, ainda, maior volume de fontes alternativas. Se é verdade que as fontes eólicas e solar são intermitentes, é verdade também que elas podem "produzir chuvas virtuais", evitando-se descargas nos reservatórios.

Diferentemente de 2001, quando a crise energética não produziu nenhum ordenamento na gestão dos recursos hídricos, as crises de 2012 a 2018 gera-

ram novos padrões de operação em parte dos reservatórios brasileiros, privilegiando a segurança hídrica e os usos múltiplos, reduzindo a prevalência política e econômica do setor elétrico.

No entanto, é fato que o aumento da segurança hídrica nessas bacias produz também a redução da flexibilidade na operação em outros reservatórios. Ou seja - e esta é uma conclusão com consequências: progressivamente, o objetivo de garantir segurança hídrica é incompatível com a matriz elétrica existente e o padrão de operação dos reservatórios atuais.

Por extensão, expõe um modelo de segurança elétrica não resiliente à redução das chuvas, muito vulnerável, exageradamente caro e onde a crise é a regra. Dada sua relevância na geração hidrelétrica e na transmissão de energia, a privatização da Eletrobrás vai ter consequências explosivas nas tarifas, mas também na intensidade e na frequência de novas "crises hídricas".

As lições de diversas crises anteriores demonstram a visível fragilidade de recursos hídricos diante das mudanças climáticas; a insuficiência dos modelos de planejamento e operação de hidrelétricas baseados em séries históricas muito longas, com dados imprecisos e cada vez mais incapazes de "explicar" qualquer coisa no presente e no futuro e a necessidade de mudanças nos padrões perdulários e poluentes de uso da água.

Os tempos de hoje requerem a ousadia de reconhecer nossas limitações e a humildade de reaprender a cada dia, amparados na gestão radicalmente democrática da água e nos avanços da ciência. Nunca serão tarefas para um governo autoritário e negacionista. •

Estatístico, foi diretor-presidente da Agência Nacional de Águas (ANA) de 2010 a janeiro de 2018.

# ESQUARTEJAMENTO DA **PETROBRÁS** DESTRÓI O DESENVOLVIMENTO

A estatal está sendo convertida em uma empresa menor, que pretende atuar apenas nas áreas de exploração do pré-sal. O petróleo voltou a ser tratado como mera commodity, a estrutura industrial-produtiva já frágil está combalida. A estatal vem sendo desmontada, desestatizada e desnacionalizada



**N**os governos Lula e Dilma, a Petrobras esteve no centro do projeto de desenvolvimento do país. A petrolífera estatal brasileira teve papel decisivo no crescimento econômico do país e na recuperação da crise iniciada em 2008. Seu plano de investimentos foi decisivo para os projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Sua política de conteúdo nacional foi fundamental para a reativação da indústria naval. E a política de compras públicas foi essencial para a expansão da engenharia pesada. Sua política de pesquisa e desenvolvimento foi importante para a descoberta do pré-sal, que permitiu a criação de um fundo social para a educação, a ciência e a saúde.

A força de trabalho da empresa crescia, motivada pelo papel de âncora de desenvolvimento do país e de crescimento nacional e internacional da Petrobrás, que se tornava uma das mais importantes do mundo. A descoberta do pré-sal garantiu soberania e segurança energética ao país. E foi resultado de três pontos: 1) uma visão geopolítica que tratou os recursos naturais como bens estratégicos; 2) uma visão macroeconômica que colocou a cadeia produtiva de óleo e gás no centro de um projeto de desenvolvimento econômico, industrial e tecnológico; e 3) de uma visão microeconômica que tratou a Petrobrás como empresa integrada, investidora e indutora.

Os governos Temer e Bolsonaro desfizeram o arranjo econômico-institucional exitoso que possibilitou a descoberta do pré-sal. O petróleo voltou a ser tratado como mera commodity, a estrutura industrial-produtiva já frágil se mostrou ainda mais combatida, a Petrobrás vem sendo desmontada, desestatizada e desnacionalizada. Isso afronta os interesses do

país e compromete o desenvolvimento da Nação. A atual política energética e petrolífera brasileira minimiza os ganhos do país e da Petrobrás e maximiza os ganhos de petrolíferas estrangeiras.

A Petrobras já foi uma grande empresa integrada de energia atuando internacionalmente. Hoje, caminha para ser uma empresa de porte médio - enxuta - de exploração e produção do pré-sal apenas na costa do eixo Rio-São Paulo. A petrolífera brasileira vive dos ganhos das des-

## A PETROBRÁS TEM DEIXADO REFINARIAS OPERANDO COM CAPACIDADE OCIOSA E COM CARGA DE PROCESSAMENTO, EM MÉDIA, DE 77%

cobertas feitas no pré-sal, e não realizou mais nenhuma grande descoberta significativa de óleo. Se não fossem os contratos da cessão onerosa de 2010, que resultaram nos campos de Búzios, Atapu e Sépia, a produção da empresa estaria em profundo declínio. As reservas provadas, que já estiveram em 12.883 MMboe (milhões de barris de óleo equivalentes por dia) em 2010, caíram para 8.815 MMboe em 2020.

Desde o Golpe de 2016, quan-

do Dilma Rousseff foi arrancada da Presidência pelo impeachment sem crime de responsabilidade, a Petrobrás está sendo desmontada como empresa integrada de energia. A estatal está sendo convertida em uma empresa que pretende atuar apenas nas áreas de exploração e produção em águas ultraprofundas do pré-sal. Com isso, a renda petroleira do Brasil vai sendo transferida:

- do Estado para o mercado, por meio das desestatizações do Sistema Petrobras e o fim da obrigatoriedade de atuar como operadora única do pré-sal;

- do nacional para o internacional, com as desonerações fiscais para grandes petrolíferas e o fim da cessão onerosa;

- do público para o privado, com a abertura para múltiplos operadores e repasses de reajustes de preços instáveis e abusivos dos combustíveis;

- da produção para o rentismo, com a queda de investimentos, do conteúdo local e a antecipação de pagamento para litígios de acionistas de fora; e

- do longo-prazo para o curto-prazo, com leilões de óleo e gás em ritmo acelerado e os óbices ao fundo social do petróleo.

Este processo está ancorado no plano de desinvestimentos da petrolífera brasileira. Até 2020, foram vendidos ativos nos seguintes segmentos: gás e logística (Gaspetro, NTS e TAG), distribuição (BR e Liquigás), renováveis (PBio, BSBios, Guarani, Eólicas de Mangue Seco 1, 2, 3 e 4), termelétricas (térmicas Rômulo Almeida e Celso Furtado, Bahia 1, Arembepe e Muricy), petroquímica (Suape e Braskem), fertilizantes (Fafen-BA, Fafen-SE, Araucária Nitrogenados e UFN-III), além de campos de terra e águas rasas na área de exploração e produção. Campos maduros na Bacia de Campos estão também sendo privatizados.

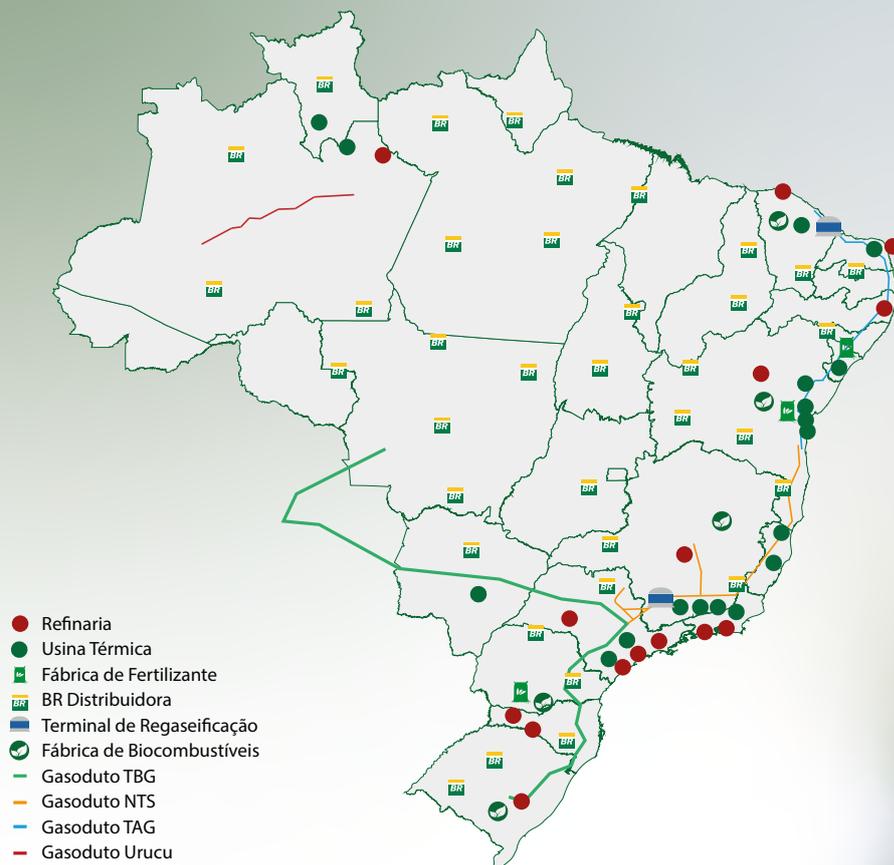
## Ativos da Petrobrás em 2018

Entre 2016 e 2020, a Petrobras já privatizou o equivalente a US\$ 3,7 bilhões. Em 2021, há previsão de que outros US\$ 2,7 bilhões em desinvestimentos devam ser realizados, além da venda de oito das 13 refinarias da companhia. A Petrobras ainda pretende vender a Refinaria Abreu e Lima (RNEST), Refinaria Presidente Getúlio Vargas (REPAR), Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP), Refinaria Gabriel Passos (REGAP), Refinaria Isaac Sabbá (REMAN), Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste (LUBNOR) e Unidade de Industrialização do Xisto (SIX).

### Venda da RLAM é perda histórica

A Petrobrás finalizou a venda da Refinaria Landulpho Alves e de seus ativos logísticos associados. A privatização da RLAM, na Bahia, marca uma perda histórica e patrimonial. Histórica, pois essa foi a primeira refinaria nacional de petróleo, criada ainda na década de 1950 impulsionada pelo sonho da soberania energética. Patrimonial, pois estima-se que a operação de US\$ 1,65 bilhão subvalorizou a refinaria em pelo menos -35% de seu valor efetivo. Atualmente, a RLAM responde por 14% da capacidade total de refino de petróleo do Brasil, inclui quatro terminais de armazenamento e 669 km de malha dutoviária.

Contraditoriamente, sob o argumento de que as empresas estatais são ineficientes a RLAM foi vendida para um fundo soberano estatal dos Emirados Árabes, o Mubadala Capital. Equivocadamente, sob o argumento de defesa da concorrência, a venda da RLAM pode abrir espaço para a criação de monopólios internacionais na região. Esta é apenas a primeira das oito refinarias que a Petrobrás pretende vender nos próximos anos, reduzindo pela metade a capacidade de refino da petrolífera brasileira e do país.



### Privatização do refino

Para levar a cabo essa política de desmonte, a Petrobrás tem deixado suas refinarias deliberadamente operando com capacidade ociosa e com carga de processamento, em média, de 77%. Além disso, o mercado brasileiro tem sido aberto para importadores, cuja participação no mercado cresceu cerca de 35% nos últimos anos. Com essa política, o Brasil exporta óleo cru e importa derivados, de maior valor adicionado.

Esta estratégia está associada à política de Preço de Paridade Internacional (PPI), que reajusta diesel, gasolina e gás com base no preço internacional do petróleo e na cotação do dólar. Na prática, quando o preço do petróleo aumenta, as elevações são repassadas até chegarem ao consumidor. Mas quando o preço do petróleo diminui, as reduções são represadas pelos ganhos dos importadores e pelas margens de lucro de um mercado de distribuição oligopolizado nacionalmente e de de revenda cartelizado regional e localmente.

O resultado desta política de preços são combustíveis e fretes mais caros, com piora na qualidade de vida das famílias e dos trabalhadores. As greves e ameaças de greves de caminhoneiros e petroleiros, as paralisações e reivindicações de trabalhadores de aplicativos, bem como a carestia do botijão de gás e dos alimentos, guardam relação com essa desastrosa política de preços.

Quem paga a conta são os consumidores. Só em 2021, a gasolina acumula aumento de mais de 34% e o diesel, de mais de 27%. O preço médio do gás ultrapassou a casa dos R\$ 70. Quem paga a conta são os trabalhadores. Entre 2015 e 2019, o efetivo da companhia caiu de 56.847 trabalhadores para 46.416 trabalhadores.

Quem também paga a conta é o meio-ambiente, devido ao aumento de vazamentos de óleos e derivados. Em 2018, vazaram 18,47m<sup>3</sup> de óleos e derivados, em 2019 essa quantidade subiu para 415,34 m<sup>3</sup>, em 17 ocorrências, sobretudo em áreas offshore.

# Petrobrás pós-Bolsonaro



Quem paga a conta é a ciência, com a redução dos investimentos em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I). Segundo a Energy Evaluate, a petrolífera brasileira já foi a empresa do setor que mais investiu em PD&I. Entre 2014 e 2018, a Petrobras aplicou US\$ 9,5 bilhões em pesquisa. Em 2019, o investimento foi de US\$ 100 milhões em projetos de descarbonização e US\$ 70 milhões para projetos em energias renováveis. A empresa que já investiu em grandes clusters de articulação empresa-centros de pesquisa-governo hoje aposta em inovações a partir de start-ups.

A Petrobrás havia articulado redes com centenas de pesquisadores em mais de 70 universidades e centro de estudos no Brasil, ampliando as condições de pesquisa básica no país, o que poderia contribuir para o desenvolvimento mais amplo, além de resolver as questões tecnológicas específicas do setor de petróleo e gás. Tudo isso está sendo desmontado depois de 2016. Em

2019, não houve projetos aprovados no Programa P&D do setor energia elétrica.

## Lava Jato e o desmonte

Sob o pretexto de combater a corrupção, a Operação Lava Jato custou 4,4 milhões de empregos ao país, subtraiu o equivalente a 3,6% do PIB, fez com que o Estado deixasse de arrecadar R\$ 47,4 bilhões em impostos, além de perder R\$ 20,3 bilhões em contribuições sobre a folha de pagamentos e reduzir a massa salarial do país em R\$ 85,8 bilhões.

A Lava Jato destruiu o capital produtivo nacional nas áreas de óleo e gás, engenharia naval, engenharia pesada e construção civil. Foi também fundamental na construção e difusão do discurso de que a Petrobras era uma empresa corrupta porque era estatal e integrada. Nesse sentido, a Lava Jato ajudou a viabilizar as gestões neoliberais e as privatizações que vendem ativos da Petrobrás para petrolíferas estatais, empresas estrangeiras e fundos financeiros.

Esse método de enfrentamento à corrupção expôs indevidamente a Petrobrás às autoridades monetárias e judiciais dos EUA. A petroleira estatal teve que desembolsar cerca de R\$ 14,5 bilhões para acionistas estrangeiros em contenciosos. A Lava Jato criminalizou o plano de investimentos da Petrobrás. A empresa, que chegou a investir cerca de US\$ 43 bilhões em 2010, não injetou mais do que US\$ 8 bilhões em 2020. A República de Curitiba estimou que a Petrobrás perdeu R\$ 6,2 bilhões com ilícitos, mas as gestões neoliberais promoveram perda de mais de US\$ 110,18 bilhões com impairments (operações contábeis de reavaliação de ativos).

## Nova Lei do Gás entrega às empresas privadas

A nova regulação para o segmento de gás natural, aprovada em 2020 (Lei 14.134), tira a Petrobrás deste mercado, continuando o processo de desmonte do setor, que tinha sua infraestrutura de transporte e logística, além da produção e distribuição, muito dependentes da empresa.

Haverá privatização e saída da Petrobrás, que está vendendo toda sua participação nos gasodutos, abrindo suas unidades de processamento de gás, além da proibição às outras produtoras de gás de vender seu produto para a empresa, que também deixará de participar nas distribuidoras de gás natural.

Sem a âncora da Petrobrás, os grandes consumidores esperam obter melhores resultados, aproveitando-se dos investimentos já realizados. Não há, contudo, nenhuma garantia de que serão realizados novos investimentos necessários à densificação da malha de gasodutos e ampliação das fontes de suprimento do gás natural. •

# AGRICULTURA FAMILIAR

2016-2017

Alimentos Saudáveis para o Campo e a Cidade.



**AVANÇO** Dilma no lançamento do Plano Safra Familiar, quando o governo federal dava suporte às famílias rurais

## GOLPE DE 2016

# UM ATAQUE FRONTAL ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR

A saída do governo Dilma foi fatal ao processo de fortalecimento dos trabalhadores rurais e da democracia no campo. Elites rurais retomaram o controle e restabeleceram a velha ordem marcada pelo rebaixamento da presença da agricultura camponesa

**A**gricultura familiar foi reconhecida, nos governos do PT, como eixo estratégico para o desenvolvimento do Brasil. Foi instituída a Política Nacional de Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais e adotadas variados programas de fomento e proteção à produção, de acesso a mercados, e para assegurar o avanço da reforma agrária. Os resultados foram extraordinários: mais inclusão e mais trabalho no campo, mais alimentos de qualidade para os brasileiros, menos violência rural e mais justiça no acesso à terra.

O Golpe de 2016 foi fatal a este processo de fortalecimento da agricultura familiar e da democracia no campo. Com as elites rurais retomando o controle das políticas setoriais, cuidou-se de restabelecer a velha ordem político-institucional marcada pelo rebaixamento da presença da agricultura familiar e camponesa. De imediato foi extinto o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Na sequência, teve início a escalada de retrocessos nas políticas conquistadas pelos trabalhadores rurais, visando restringir ou até mesmo excluí-los das disputas pelos recursos orçamentários da União.

Com Michel Temer, a realidade agrária brasileira retrocedeu ao período anterior ao primeiro governo Lula. Mas com a ascensão do líder da extrema direita nas eleições presidenciais de 2018, a situação se agravou ainda mais. Com Jair Bolsonaro, o Brasil rural retrocedeu para antes da Constituição de 1988.

A primeira medida provisória assinada por Temer após o golpe continha a extinção do MDA.

Fundido ao Ministério do Desenvolvimento Social, sob pressão, e devido aos vínculos produtivos entre agronegócio e 'setores integrados' da agricultura familiar, transformou-se em uma secretaria especial da Casa Civil da Presidência da República.

O rebaixamento institucional foi radicalizado no governo Bolsonaro. A secretaria que conduzia as políticas para a agricultura familiar saiu da Presidência e

## COM TEMER, A REALIDADE AGRÁRIA RETROCEDEU A 2002. MAS COM BOLSONARO, O BRASIL RURAL REGUOU PARA ANTES DE 1988

foi deslocada para o Ministério da Agricultura. E, para conduzir as políticas agrária e para agricultura familiar, foi colocado à frente do órgão Nabhan Garcia, ex-presidente da UDR e figura icônica dos setores mais atrasados das oligarquias rurais.

Adicionalmente, foram extintos os espaços de diálogo com a sociedade civil, a exemplo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (Condruf), do Conselho de

Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e a Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO). A Ouvidoria Agrária Nacional do Incra foi transformada em mera ouvidoria dos serviços do instituto, com a extinção de sua função de consolidar informações sobre tensões e conflitos no campo.

Neste novo arranjo institucional em que as políticas para a agricultura familiar foram secundarizadas, o foco da atuação do Ministério da Agricultura foi colocado na agenda econômica do agronegócio, em especial, do exportador, tendo como pontos centrais a abertura de novos mercados externos, independente dos impactos da estratégia exportadora sobre o abastecimento e nos preços internos, e a pressão sem trégua sobre a área econômica do governo por desonerações crescentes para as cadeias do agronegócio e pela ampliação das subvenções ao setor, notadamente no seguro rural. Por fim, houve ainda a liberação massiva de agrotóxicos e a desregulação do crédito aos grandes produtores, com a aprovação da Lei 13.986, de 2020, que modifica e cria títulos para prover o crédito aos grandes produtores inclusive com recursos externos, mas com subvenções pelo Tesouro.

O desprezo de Bolsonaro pela agricultura familiar se expressou também no veto de praticamente toda a Lei 14.048, chamada Lei Assis Carvalho. Em plena pandemia, o governo deixou a agricultura familiar sem qualquer medida de proteção e estímulo econômico mesmo com a crise no abastecimento alimentar, tratada com absoluta indiferença pelo governo Bolsonaro.

## Redução do crédito para a agricultura familiar

A partir do golpe, a estrutura diferenciada de crédito para a agricultura familiar começou a minguar. O volume de recursos alocados para o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) permaneceu praticamente estável a partir da safra 2016/2017. Mesmo o aparente aumento da dotação para a safra 2020/2021 deve ser relativizado, pois o valor alocado é, em termos reais, 7% menor que o disponibilizado na última safra do governo Dilma Rousseff.

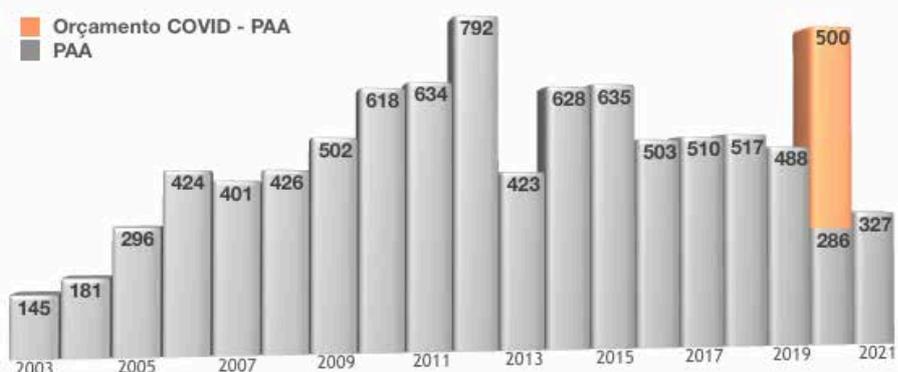
A partir de 2019, o governo Bolsonaro acabou com o "plano safra" da agricultura familiar, que passou a ser parte do financiamento geral da agricultura. Ademais, a definição de valor elevado do corte da renda para caracterizar o pequeno produtor - no valor de até R\$ 415 mil - permitirá o acesso de médios produtores ao Pronaf de médios produtores, retornando ao histórico processo de exclusão de agricultores familiares ao acesso ao crédito bancário.

Este processo de exclusão já estava em curso. Nos cinco últimos anos, houve significativa redução no número de contratos de crédito firmados com recursos do Pronaf. Em 2015 foram celebrados 1.697.300 contratos com recursos do programa. Em 2020, esse número caiu para 1.438.193. Uma redução de 15,3%.

Em dezembro de 2020, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) voltou a suspender os financiamentos ligados às linhas do Pronaf, em razão do comprometimento de recursos alocados para o ano-safra 2020/21. •

## Evolução do Orçamento do PAA

Em milhões de reais



Fonte: Câmara dos Deputados

## DESMONTE DAS POLÍTICAS DE APOIO AOS PEQUENOS AGRICULTORES

Nos governos do PT, foi estruturado um amplo conjunto de instrumentos para a agricultura familiar, visando fomentar a produção sustentável, ampliar mercados e diminuir o risco produtivo e proteger a renda dos pequenos produtores.

Praticamente todas essas políticas e programas foram brutalmente reduzidos, quando não foram totalmente extintos, como foi o caso da ATER para a agricultura familiar e do programa de apoio à organização econômica e promoção da cidadania de mulheres rurais.

Instrumento que já teve papel importante no abastecimento, no atendimento a populações em situação de vulnerabilidade, e no

apoio à agricultura familiar, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) está sendo conduzido de forma célere para a extinção.

Os recursos para o PAA cresceram de forma praticamente contínua até 2012. No biênio 2013-14, com a interdição de sua execução em alguns estados devido a ações da Lava Jato, houve redução do volume aplicado.

A retomada da execução acelerada do programa foi abortada pelo golpe e, a partir de 2016, o PAA foi sendo progressivamente reduzido. Em 2021, o orçamento previsto é 59% menor, em termos reais, que o executado em 2015. Ressalte-se que, em 2020, o valor orçamentário mais expressivo deve-se a um incremento de R\$ 500 milhões as-

**A PARTIR DE 2016, O PAA FOI REDUZIDO, ANO A ANO. EM 2021, O ORÇAMENTO É 59% MENOR, EM TERMOS REAIS, QUE O EXECUTADO EM 2015**



Ricardo Stuckert

**OUTROS TEMPOS** Lula e Dilma entregaram 170 mil cisternas para a produção agrícola e mais de 1,3 milhão para o consumo das famílias

sociado ao orçamento da Covid. Também diminuiu continuamente o número de agricultores familiares atendidos pelo programa, que chegou a 184 mil, em 2012, caindo para 80 mil em 2016 e para 40 mil em 2020.

Houve também uma mudança no foco do PAA, que tem sido cada vez mais a promoção das compras institucionais, para compensar a diminuição dos orçamentos federais do programa. Em 2020, cerca de 58% do valor total do PAA foi de compras institucionais. Contudo, o mercado de compras institucionais favorece agricultores mais organizados, que já contam com associações e/ou cooperativas mais estruturadas.

Os agricultores mais pobres e vulneráveis, que ainda não conseguem atender a esse mercado, pois não passaram pela curva de aprendizado que o PAA proporciona, ficam cada vez mais excluídos, assim como são prejudicadas as entidades que recebiam alimentos do programa.

### O abandono da produção sustentável

Enquanto nos governos do PT buscou-se estimular a produção agrícola sustentável, por meio de

linhas de crédito especiais como o Pronaf Agroecologia e o Programa ABC, os governos pós-golpe abraçaram a causa dos agrotóxicos.

Após o golpe, vem crescendo velozmente a liberação de novos registros de agrotóxicos no Brasil. Em 16 anos, de 2000 a 2015, foram liberados 1.954 novos registros de agrotóxicos. Depois do golpe, de 2016 até 23 de abril de 2021, foram liberados 2.170 novos registros de produtos agrotóxicos, dos quais cerca de 60% em apenas 2 anos e 4 meses da gestão Bolsonaro.

Para este resultado, foi preciso mudar o marco regulatório para

agrotóxicos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em 2019. Ao adotar o risco de morte como único critério para classificar a toxicidade, a Anvisa alterou significativamente a avaliação dos produtos, que passaram a ter novas exigências de informações contidas nos rótulos. O governo permitiu a dispensa de estudos de toxicidade se isso for "justificado tecnicamente" pela empresa.

O Brasil tornou-se o maior importador mundial de agrotóxicos - US\$ 3 bilhões - e o segundo maior consumidor mundial desses produtos - 502 mil toneladas. O elevado grau de contaminação ambiental está se transformando em grave caso de saúde pública no país.

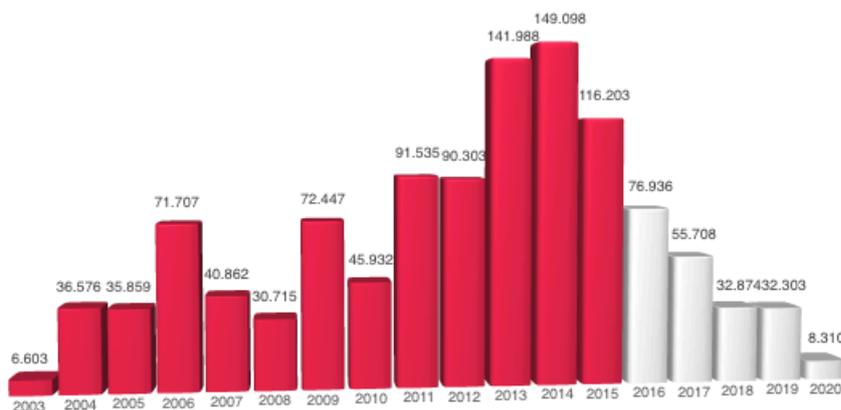
### Desmanche do programa de cisternas

A implantação de 1,3 milhão de cisternas para consumo e de 170 mil cisternas para produção agrícola foi resultado de uma política prioritária dos governos do PT, para assegurar acesso à água em domicílios de baixa renda na zona rural. Esta premiada tecnologia social foi praticamente abandonada após o golpe.

Embora ainda haja uma demanda estimada de 1,3 milhão de famílias sem acesso regular à água, o número de cisternas vem

## Evolução das cisternas entregues

Número de unidades



Fonte: Câmara dos Deputados

## Estoques Públicos

Posição de março de 2021 e o consumo dos produtos

PRODUTO	MARÇO (KG)	Consumo /Dia (KG)
Milho	91.975.385	186.111.111
Arroz	21.681.283	30.000.000
Feijão	50.355	8.472.222
Trigo	1.652.310	32.222.222
Farinha de mandioca	21.611	8.400.000 (somente consumo não industrial)

Fonte: Conab

decrecendo continuamente, chegando a valores irrisórios em 2020. E, em 2021, como o orçamento corresponde a 48% do executado em 2020, as perspectivas são ainda piores.

Bolsonaro não tem qualquer compromisso com a soberania e segurança alimentar da população. Abandonou a política de estoques de produtos estratégicos como arroz, feijão e milho, entre outros, permitindo que os estoques públicos quase zerassem.

O AGF, instrumento histórico utilizado para a aquisição de alimentos para fins de estoques e outras finalidades, enfrenta processo de definhamento acentuado. Os recursos efetivamente despendidos pelo Tesouro para essas operações diminuíram 78% entre

2018 e 2020.

Em sua política irresponsável de expandir as exportações do agronegócio sem qualquer limite, Bolsonaro deixou o país à mercê dos grandes grupos interessados em exportar e lucrar. Nenhum governo neoliberal anterior a Bolsonaro adotou essa estratégia estúpida de transferir para o mercado a responsabilidade pela regulação do abastecimento de alimentos.

Em decorrência, a pandemia nos pegou sem estoques públicos e incapazes de regular o preço de produtos essenciais para o abastecimento da população brasileira. O resultado foi o aumento do preço do arroz, do óleo de soja, da carne, entre outros, com forte impacto sobre a segurança alimentar dos brasileiros, em especial os

mais pobres.

Como também está em curso o processo de privatização dos armazéns da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o abastecimento da população está atualmente, por causa desta política irresponsável, sob forte risco.

## A interdição da reforma agrária

A ascensão das forças políticas que patrocinaram o golpe resultou na interdição imediata e plena do programa de reforma agrária. Ao mesmo tempo, tornaram prioridade absoluta a privatização de terras públicas mediante a titulação dos assentamentos e a regularização fundiária das ocupações ilegais de terras da União.

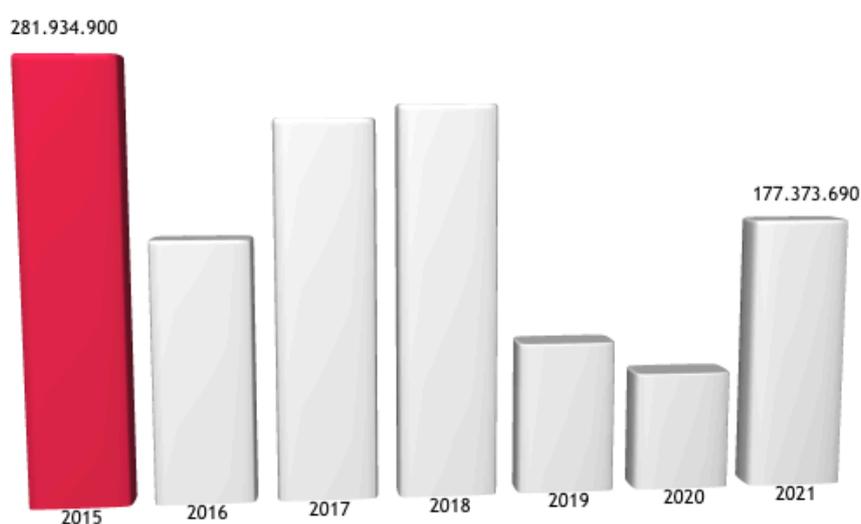
O alvo subjacente a esta estratégia foi criar as condições formais para a transferência dessas terras para o mercado e assim atender à obsessão dos agentes do agronegócio que, da mesma forma, operam intensamente pela apropriação das terras indígenas e das unidades de conservação.

As alterações normativas promovidas após o Golpe de 2016 facilitaram a pilhagem do patrimônio fundiário da União por grileiros. A Lei 13.465/2017 foi decisiva nesta direção. Duas mudanças que ela promoveu na regularização fundiária merecem destaque: aumento da área máxima possível de titulação de 1.500 hectares para 2.500 hectares e alteração do marco temporal da ocupação regularizável, avançando-o de julho de 2004 para julho de 2008 (e 2011), e passando a regularizar posses mais recentes, em clara sinalização de tolerância à grilagem.

A nova norma alterou ainda a Lei 8.629/1993 para excluir a possibilidade da titulação coletiva das famílias já assentadas, por meio da concessão do direito real de uso, e tornou obrigatório aos beneficiários da reforma agrária o recebimento do título individual de domínio, mais uma medida a

## Consolidação de Assentamentos Rurais

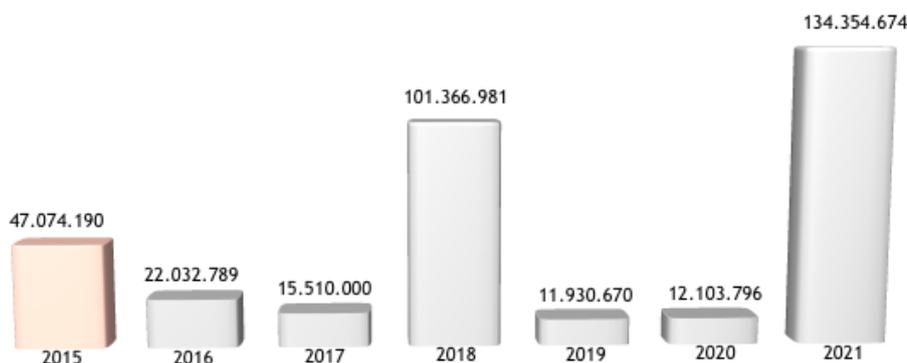
Em milhões de reais



Fonte: Câmara dos Deputados

## Terra Legal

Em milhões de reais



Fonte: Câmara dos Deputados

estimular e a facilitar o retorno de terras públicas ao mercado.

A evolução dos recursos orçamentários nos governos Temer e Bolsonaro mostra que tais medidas de regularização fundiária que reforçam o princípio mercantil atribuído à posse da terra têm se consolidado. Em 2021, ano em que os cortes orçamentários foram intensos, a dotação para ações de consolidação de assentamentos rurais e o Programa Terra Legal cresceram não apenas em relação ao anterior mas também em relação ao previsto no projeto orçamentário. Nos dois casos, expressando a celeridade que se pretende imprimir ao processo de titulação dos assentados.

As mudanças na legislação promovidas por Temer deram as bases para Bolsonaro institucionalizar a paralisação da reforma agrária. Nos primeiros dias da gestão Bolsonaro, foi determinada a suspensão de vistorias de imóveis e do andamento dos processos administrativos de desapropriação. Essa medida foi aprofundada com a desistência de ações de desapropriação que já tramitavam no Judiciário e do arquivamento de processos de compra de áreas para o assentamento de famílias sem terra. Em dezembro de 2020, foi criado o Programa Titula Brasil, que busca acelerar a titulação de terras ocupadas da União transferindo aos municípios a responsabilidade pela execução de parte

do processo, sobretudo a realização das vistorias de campo.

### Demarcação zero

Bolsonaro vem cumprindo sua promessa de não demarcar um centímetro de terra indígena. E, à semelhança do que fez com os processos de obtenção de terras

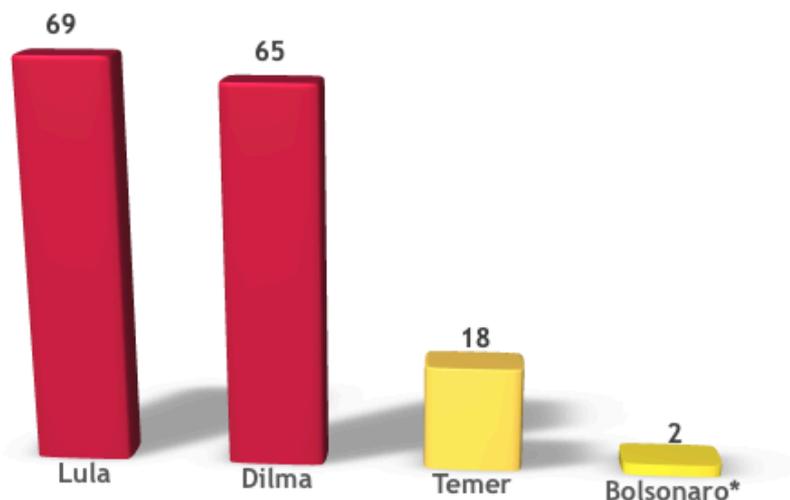
para a reforma agrária, devolveu, para revisão, vários processos à Funai. Vale lembrar que, em 2020, 60% das terras indígenas foram devastadas por focos de incêndios, um aumento de 38% em comparação com 2019.

Em relação a terras quilombolas, foram abertos 16 processos de titulação em 2019. Entre janeiro e maio de 2020, apenas um. Os números são inferiores à média de 77 novas análises territoriais entre 2016 e 2018, durante o governo Temer, e apenas uma fração dos 148 processos abertos pelo Inbra entre 2004 e 2009, com Lula.

Segundo levantamento da Terra de Direitos, no atual ritmo, o país levaria 1.170 anos até que todos os processos abertos no Inbra fossem concluídos. •

## Número de terras quilombolas tituladas

Por governo



Fonte: Comissão Pro-Índio de São Paulo  
\*Em ambos os casos, demarcações parciais

## Demarcações de Terras Indígenas

GOVERNO	Terras Indígenas declaradas		Terras Indígenas homologadas	
	Nº	Extensão (Ha)	Nº	Extensão (Ha)
Jair Bolsonaro (Jan 2019 – presente)	0	0	0	0
Michel Temer (Maio 2016 a Abril 2018)	3	3.397.569	1	19.216
Dilma Rousseff (Jan 2011 a Jun 2014)	26	2.028.672	21	3.268.955
Lula da Silva (Jan 2003 a Dez 2010)	81	13.291.661	87	18.785.766

Fonte: ISA (Instituto Socioambiental).



# RISCOS PARA O ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS NO BRASIL

Três fatores asseguram a inflação de alimentos no Brasil: agricultura de exportação está ampliando área agricultável, em detrimento de arroz, feijão e mandioca; Bolsonaro decretou fim da política de estoque de alimentos e adotou o lema da ditadura: exportar é o que importa

Por Gerson Teixeira

**N**a maior parte do ano de 2020 e início de 2021, o Brasil experimentou dois ciclos de forte aceleração dos preços da “alimentação no domicílio”. Os picos dos preços ocorreram de setembro a dezembro. No acumulado de 12 meses, até maio, enquanto a taxa do IPCA foi de 8%, a inflação do óleo de soja foi de 87%; do arroz, 51,8%; do feijão, 58%; das carnes, 38%.

Não bastasse, este processo coincide com a evolução da tragédia sanitária com a queda lancinante dos indicadores socioeconômicos do país. Na resultante, vemos grassar a fome e a miséria no Brasil. Os dados da carestia sugerem a forte correlação entre esse processo e os períodos de concessão do auxílio emergencial de R\$ 600.

A extinção, com a posterior redução do auxílio emergencial culminou com o recuo aparente da média desses preços. Antes que acusem de estarmos culpando os pobres pela inflação da comida, destacamos esse vínculo para reforçar a hipótese sobre a crise estrutural latente do abastecimento de alguns alimentos estratégicos da dieta dos brasileiros.

Nas condições atuais da oferta desses produtos, uma necessária e inadiável política de geração e recomposição de renda e emprego para as camadas mais vulneráveis da nossa população implicará em crise no abastecimento alimentar com repercussões políticas imponderáveis.

São múltiplas as causas da volatilidade dos preços dos alimentos. Porém, no geral, têm como determinante comum os efeitos do avanço do agronegócio exportador, sem qualquer regulação. Com efeito, afora práticas especulativas próprias em situações de escassez, efeitos sazonais para determinados grupos de produtos, ou eventuais frustrações de safras, os fatores substantivos causadores do processo latente de inflação dos alimentos são os seguintes:

1) a tendência erosiva da participação de alimentos básicos na economia agrícola do país. Em 1995, as áreas colhidas de arroz, feijão, e mandioca, representavam, respectivamente, 9,7%, 11,1% e 4,3% da área colhida total com lavouras temporárias. Em 2019, tais proporções decli-

naram para 2,3%, 3,4% e 1.5%. Em contraste, a soja e a cana ampliaram as participações no período - de 2,2% para 47,6% (soja) e de 25,9% para 47,7% (cana). Portanto, soja e cana respondem por 73,6% da área colhida total no Brasil, enquanto as culturas do arroz, feijão e mandioca, juntas, são responsáveis por apenas 7,2%. Assim, fica claro que as culturas "para exportação" avançam sobre as áreas com culturas alimentares básicas.

2) no contexto acima, o governo Bolsonaro "extinguiu" a

## ESTOQUES DE ARROZ, MILHO, FEIJÃO E FARINHA DE MANDIOCA SUSTENTAM AGORA APENAS ALGUMAS HORAS DE CONSUMO NO BRASIL

política de estoque de alimentos essenciais, eliminando uma ferramenta estratégica para mitigar a tendência de redução da oferta interna. Enquanto a FAO recomenda que os países mantenham em estoques de alimentos, no mínimo, 20% dos respectivos níveis de consumo, os estoques atuais da Conab de arroz, milho, feijão e farinha de mandioca sustentam algumas horas do consumo desses produtos no Brasil. Em outros termos, os "estoques"

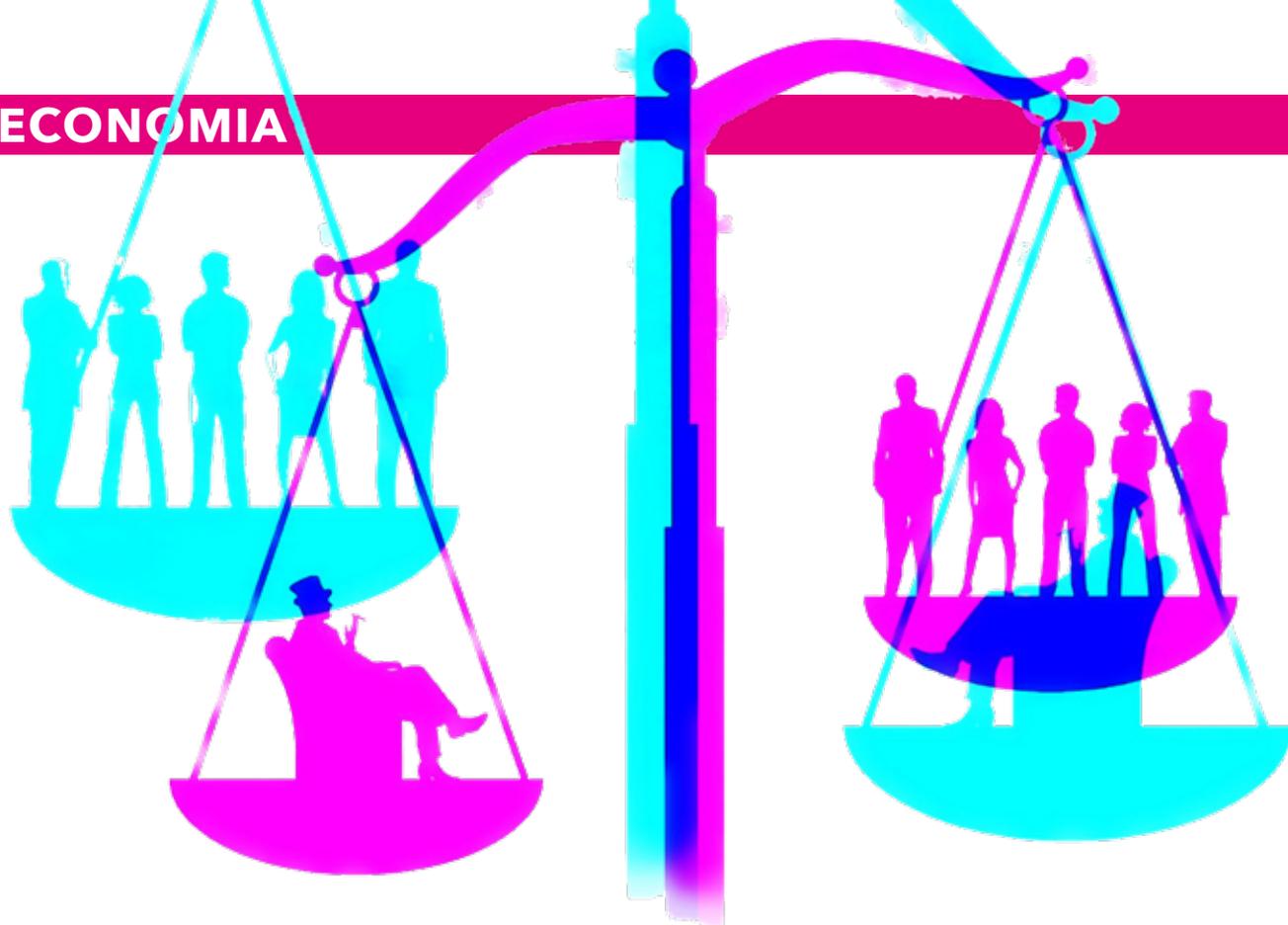
disponíveis não sustentam um dia de consumo.

3) a prioridade exportadora do modelo, que adquiriu proporções tendencialmente absolutas no governo Bolsonaro, a despeito de câmbio, e sem qualquer salvaguarda para o mercado doméstico. O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de soja. Conforme dados do USDA, comparando Brasil, Estados Unidos (maior exportador mundial de alimentos) e o resto do mundo, exportamos o correspondente a 34% do consumo nacional de carne bovina. Nos EUA e no mundo essas proporções são de 10,4% e 15%. No caso do milho, o Brasil exporta o equivalente a 55,7% do consumo doméstico. Para os EUA e mundo, as taxas são de 19% e 15,8%. Quanto à carne de frango, as exportações do Brasil correspondem a 37.2% do consumo. As exportações dos EUA e do mundo não passam de 18% e 10,7%. As exportações brasileiras representam 183% do consumo nacional. Para EUA e mundo, as taxas são de 74% e 45%.

Neste quadro, e pela obsessão agroexportadora, o Brasil experimenta crise no abastecimento interno de insumos para vários segmentos da indústria agroalimentar em razão da exorbitância das vendas externas.

Em meio a este quadro dramático, sem qualquer medida do governo para enfrentá-lo e zombando da fome e da miséria que se espriam no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro declarou: "Tem inflação em alimentos, sim. Não vou negar. Estamos, agora, tentando diminuir o preço do milho. Vai atingir diretamente a galinha, o ovo. Da onde vem isso aí? Da política do 'fica em casa, que a economia vem depois'. Os brasileiros não merecem!!! •

Economista, é coordenador do NAPP Agrícola da Fundação Perseu Abramo.



# O ELEVADO APOIO À REFORMA TRIBUTÁRIA SOLIDÁRIA JUSTA E SUSTENTÁVEL

Chegou a hora do Congresso examinar o projeto das oposições. Trata-se da única proposta que enfrenta a secular injustiça fiscal brasileira, caracterizada pela elevada tributação sobre o consumo, que esvazia o bolso dos pobres, e a residual tributação sobre renda e patrimônio, que enche os cofres dos ricos

Por Eduardo Fagnani

**D**entre os principais resultados da pesquisa “Nós e as Desigualdades”, realizada pela Oxfam Brasil em parceria com o Instituto Datafolha, destaca-se que, para 86% dos entrevistados, o “progresso do Brasil está condicionado à redução de desigualdade entre ricos e pobres”. O apoio dos brasileiros à ação de governos no combate às desigualdades é elevado. Em 2020, 85% dos brasileiros concordavam total ou parcialmente que “em um país como o Brasil, é obrigação dos governos diminuir a diferença entre as pessoas muito ricas e as pessoas muito pobres”.

Para a maioria dos brasileiros, a tributação sobre os mais ricos aparece como um dos principais instrumentos para enfrentar as desigualdades, recebendo o apoio total ou parcial de 85% dos entrevistados.

Uma análise do apoio à tributação de todas as pessoas (ricos e pobres) por estratos de renda aponta um crescimento sustentado com pesquisas anteriores realizadas pela Oxfam/Datafolha. Considerando o grupo com rendimentos de até um salário mínimo, entre 2017 e 2020, o apoio ao aumento da tributação de todas as pessoas para financiar políticas sociais passou de 29% para 61%. Ou seja, mais que dobrou. Entre os brasileiros com renda superior a cinco salários mínimos, a ampliação do suporte foi maior, passando de 8% para 35%, em igual período – mais de quatro vezes.

O apoio ao aumento da tributação sobre pessoas mais ricas para financiar políticas sociais é ainda mais elevado. Entre os brasileiros que ganham até um salário mínimo, o apoio passou

de 74%, em 2017, para 85%, em 2020. Levando-se em conta pessoas com rendimentos acima de cinco salários mínimos, o apoio variou de 56%, em 2017, para 74%, em 2020. “Assim, ainda que os mais ricos apoiem de forma menos entusiástica aumentos de impostos que os afetem, a concordância é ampla: 74% contra 24% que discordam”, afirmam os autores do documento.

O índice de concordância com a tributação do topo da pirâmide de renda é ampliado quando se

## A PROPOSTA DA OPOSIÇÃO DESONERA QUEM GANHA ATÉ TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS E TAXA MAIS, APENAS, 0,3% DA POPULAÇÃO – OS SUPER-RICOS

dá concretude à expressão “pessoas muito ricas”. Neste caso, 84% da população apoia maior tributação de “pessoas que ganham mais de R\$ 40 mil por mês” como meio de “reduzir o imposto sobre produtos como alimentos, gasolina, roupas, medicamentos e eletrodomésticos”.

Ainda segundo a pesquisa, “esse apoio é alto e razoavelmente constante mesmo quando se olha para os estratos de renda, com um pico de 86% para

brasileiros com renda de um a dois salários-mínimos e um piso de 72% para pessoas com renda acima de cinco salários-mínimos, justamente os mais ricos”

Esse elevado apoio da população brasileira a tributação progressiva fortalece a “Reforma Tributária Solidária, Justa e Sustentável”, que também tramita no Congresso Nacional, por iniciativa dos seis partidos da oposição – PT, PSB, PDT, PCdoB, PSOL e Rede – a emenda substitutiva global 178 à PEC 45.

Trata-se da única proposta que enfrenta a secular injustiça fiscal brasileira, caracterizada pela elevada tributação sobre o consumo (que esvazia o bolso dos pobres) e a residual tributação sobre renda e patrimônio (que enche o cofre dos ricos).

A proposta dos partidos da oposição desonera quem ganha até três salários mínimos – R\$ 3.300 – e taxa mais, apenas, 0,3% da população – os super-ricos. Estima-se que as medidas propostas possam gerar recursos adicionais da ordem de R\$ 292 bilhões por ano. Isso é quase dez vezes o orçamento do programa Bolsa Família.

De costas para o que pensa a ampla maioria da população, o Congresso tem privilegiado propostas voltadas exclusivamente de simplificação da tributação do consumo, sendo omissa em relação à tributação da alta renda e da riqueza.

Antes da atual crise, a necessidade de taxar as altas rendas era imperativo de justiça fiscal. Após a crise passou a ser imperativo civilizatório. O Congresso deve enfrentar esse desafio. Caso contrário, ficará claro que não representa os interesses gerais da sociedade e que não está à altura dos desafios colocados pela conjuntura. •

Doutor em economia pela Unicamp

MÚSICA

# OBRA PRIMA FAZ 50 ANOS

O revolucionário disco *What's going on*, de Marvin Gaye, foi a resposta do grande artista negro aos conflitos na América - do fim do sonho hippie dos anos 60 à Guerra do Vietnã, passando pelo conservadorismo de Nixon. Um retrato de seu tempo. E ainda continua lindo

Um dos mais belos e sublimes discos da música pop completou 50 anos em 21 de maio. É o brilhante e crucial *What's going on*, lançado pelo talentoso Marvin Gaye. A obra revolucionou a soul music e é um dos mais belos retratos do começo dos anos 70, em meio ao fim do sonho hippie, da quebra do encanto dos ideais de paz e amor e da ressaca política e cultural que vivia a juventude, mergulhada no abandono, no fim do sonho americano e da guerra do Vietnã. Bem-vindo ao infernal ano de 1971.

É difícil que alguém não tenha sido atingido em algum momento nas últimas décadas pelo monumental álbum do músico, que transformou sua obra em um momento de reflexão sobre aqueles anos de mudanças profundas e desencantos com os rumos da América, mergulhada na Guerra do Vietnã, na presidência decadente de Richard Nixon e nos movimentos de ativistas como os Panteras Negras. 1971 foi mesmo excepcional para a música pop.

O disco é pedra angular da música negra americana. Ao ponto do cantor Smokey Robinson - a estrela da Motown - apontar *What's going on* como "o melhor disco da história". Pode parecer exagero, mas, de fato, o álbum está entre alguns dos melhores trabalhos musicais do século 20. E, sem dúvida, merece figurar na lista dos 100 mais importantes e influentes. É uma obra-prima. Como outro do mesmo ano, *Imagine*, de John Lennon. A revista *Rolling Stone* colocou o disco em primeiro lugar na lista dos "500 melhores álbuns de todos os tempos", publicada em 2020. E justificou que o disco fez artistas negros sentirem uma nova liberdade para ultrapassar os limites musicais e políticos na arte.

*What's* é um mix de música clássica, soul, funk e jazz. A sonoridade é magistral e é difícil não se deixar empolgar, ao mesmo tempo que toca a alma do público por conta das letras. É nas palavras de Gaye que *What's going on* carrega genialidade, com o músico conseguindo esboçar à sua maneira um painel de seu tempo. O disco é a *Guernica* da soul music. Sem exagero.

São apenas nove canções traçando as percepções de um veterano da Guerra do Vietnã, retornando ao país após lutar, carregando conflitos e pesadelos, e nada encontra além da miséria, injustiça, sofrimento e ódio. A morte, a depressão, as injustiças sociais e as histórias de guerra fizeram Gaye compor o disco mais influente da música negra.

"Eu trabalho melhor sob pressão e quando estou deprimido. O mundo nunca foi tão deprimente como agora. Estamos matando o planeta, matando os nossos jovens nas ruas e indo para a guerra em todo o mundo. Direitos humanos, esse é o tema", disse o cantor ao jornal *Detroit Free Press*.

Ele sabia do que estava tratando. Seu irmão Frankie havia retornado do Vietnã em 1970, após servir as Forças Armadas dos Estados Unidos durante três anos. E estava absolutamente quebrado espiritualmente. Aquilo atormentou o cantor e compositor, que havia interrompido a carreira, descontente com próprio trabalho, porque o considerava irrelevante, especialmente frente às transformações sociais pela quais viviam a América no final da década de 1960, depois da morte de Martin Luther King e Malcolm X.

Foi isso que levou Gaye a tentar esboçar reflexões sobre suas crenças espirituais, enquanto via a comunidade negra norte-americana chafurdando na pobreza, alvo da corrupção policial e atormentada pela guerra que es-

tava matando os jovens.

"O que está acontecendo/ Mãe, mãe/ Há muitas de vocês chorando/ Irmão, irmão, irmão/ Há muitos de vocês morrendo/ Você sabe que nós temos de encontrar um meio/ Para trazer um pouco de amor hoje", diz Gaye nos primeiros versos de *What's going on*. "Pai, pai/ Nós não precisamos agravar/ Veja, guerra não é a resposta/ Pois apenas o amor pode conquistar o ódio/ Você sabe que nós temos de encontrar um meio/ Para trazer um pouco de amor aqui hoje". Tudo isso embalado na voz sublime de Marvin Gaye, que soa cativante, doce e absolutamente sincero.

O disco foi gravado a partir de 1º de junho de 1970, quando Gaye registrou as três primeiras canções: "What's going on", "God is Love" e "Sad Tomorrows". Ele queria que a Motown lançasse o single de "What's going on", mas o presidente da gravadora, Berry Gordy, recusou-se a atender seu pedido, alegando que a canção não tinha apelo comercial. Um erro grave.

Revoltado, Gaye exigiu que Gordy mudasse de ideia, caso contrário, não gravaria mais nada. Pressionado, o chefe da Motown acabou por ceder aos anseios do cantor. E acertou em cheio. A gravadora lançou em janeiro de 1971 o single de "What's Going On", que fez grande sucesso comercial. Gordy requisitou ao artista um álbum com canções similares. E aí, em maio, saiu a obra prima.

O álbum é um dos mais importantes da carreira de Gaye e é até hoje seu trabalho mais conhecido. Além da faixa-título, "Mercy Mercy Me" e "Inner City Blues (Make Me Wanna Holler)" atingiram o Top 10 dos Pop Hits e o primeiro lugar da lista de R&B da *Billboard*. Tornou-se o disco mais vendido da Motown. E ainda soa lindo. Num mundo horrível da Covid e da desigualdade, parece que foi feito agora. •

CPDocJB

## 11 de junho de 1970 40 SÃO TROCADOS POR EMBAIXADOR ALEMÃO

Numa ação conjunta da Ação Libertadora Nacional (ALN) e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), é sequestrado no Rio de Janeiro o embaixador da República Federal da Alemanha, Ehrenfried von Holleben. Um agente de segurança foi morto e dois ficaram feridos durante a captura do diplomata. Quatro dias depois, por exigência dos sequestradores, foram soltos, banidos e enviados para a Argélia 40 presos políticos (incluindo vários participantes do sequestro do embaixador dos EUA, em setembro de 1969). O manifesto das organizações foi divulgado em rádio e TV. Cerca de metade dos militantes libertados pertenciam à VPR. Os demais, à



ALN, ao PCBR e ao MR-8 – inclusive Vera Sílvia Magalhães, que nem sequer podia caminhar devido às sequelas das torturas. A ação ocorreu durante o período da Copa do Mundo, disputada no México, que atraía a atenção dos brasileiros. Embora o sequestro passasse a

impressão de que a guerrilha urbana seguia forte, a situação das organizações da luta armada era dramática. A VPR, idealizadora do plano, tinha tão poucos militantes que para realizar a ação teve de pedir ajuda à ALN, que colaborou com dinheiro, armas e quadros.

## 11 de junho de 1987 PISTOLEIROS MATAM PAULO FONTELES NO PARÁ

Paulo Fonteles, ex-deputado, sindicalista e advogado de trabalhadores rurais no Pará, é assassinado por pistoleiros em frente a um posto de gasolina, em Ananindeua. Sua morte causou grande comoção na região e em todo o país. Os mandantes e executores do assassinato nunca foram punidos. Por seu trabalho, Fonteles, militante do PCdoB, era chamado de “advogado do mato”. Mesmo recebendo ameaças constantes e figurando na lista dos militantes marcados para morrer, sempre enfrentou latifundiários da região, organizados em torno da União Democrática Ruralista (UDR).

## 13 de junho de 1931 GOVERNO INCINERA ESTOQUES DE CAFÉ

Em Santos, no litoral paulista, o dia de Santo Antônio tem um cheiro diferente: café torrado. O governo provisório mandou queimar os estoques de café, pois o preço do produto e as exportações não param de cair desde a quebra da bolsa de Nova York, em 1929. Resultado: milhões de sacas começam a virar fumaça e perfumar o ar da cidade. O objetivo de Getúlio Vargas é claro: reduzir a oferta e assim conter a queda dos preços internacionais do produto, o que equilibraria a economia nacional e impediria a falência dos cafeicultores.

## 13 de junho de 1942 BRASIL PRODUZIRÁ MOTORES DE AVIÃO

O governo federal funda a Fábrica Nacional de Motores (FNM), empresa estatal idealizada pelo brigadeiro Antônio Guedes Muniz e que terá sede em Xerém, município de Duque de Caxias, no Rio. A instalação da fábrica foi facilitada por incentivos financeiros e assistência técnica do governo dos EUA, em cumprimento dos Acordos de Washington, pelos quais incentivaria a economia de guerra dos aliados. Após a 2ª Guerra, o governo converteria a FNM em empresa de capital misto, mas mantendo o controle acionário. Em 1967, os militares a entregariam à italiana Alfa Romeo.

16 de junho de 2009

## PAÍSES EM ASCENSÃO FORMAM O BRIC

Realiza-se a Primeira Cúpula do Bric, bloco político e econômico formado pelas quatro principais potências emergentes no mundo: Brasil, Rússia, Índia e China. O bloco surge, sob iniciativa do Brasil e da Rússia, num cenário de multipolaridade internacional que vem substituindo a supremacia europeia e norte-americana pela coexistência com as potências emergentes. Em gestação desde 2006, o Bric teria papel fundamental na consolidação do G-20 como principal fórum global de debate econômico, com protagonismo dos países emergentes no enfrentamento da crise por meio de políticas econômicas anticíclicas. Sua atuação se base-



aria em dois eixos: a articulação em instâncias multilaterais sobre temas de interesse comum e a construção de agenda de cooperação. Outra conquista do bloco seria avançar na reforma das instituições financeiras internacionais, com foco na amplificação da voz

dos países emergentes nessas instituições. Um dos principais resultados atingidos seria a reforma das cotas de participação no FMI e no Banco Mundial, que beneficiariam não apenas os quatro países do bloco, mas vários outros em desenvolvimento.

14 de junho de 1982

## DITADURA ARGENTINA PERDE NAS MALVINAS

A Argentina é forçada a se render incondicionalmente na guerra travada com o Reino Unido pelas Ilhas Malvinas. O confronto iniciado em 2 de abril termina 73 dias depois, com a morte de 649 militares argentinos, 255 soldados britânicos e três civis. A derrota selou, na prática, o fim da ditadura argentina, que invadira o arquipélago para fazer frente a uma crescente impopularidade, decorrente de uma grave deterioração da economia e da violação sistemática de direitos humanos.

16 de junho de 2005

## DIREITO À MORADIA DIGNA, ENFIM VIRA LEI

O presidente Lula sanciona a Lei 11.124/2005, que cria o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS) e o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS). Com mais de 1 milhão de assinaturas, o projeto de iniciativa popular, foi encaminhado em novembro de 1991 ao Congresso, onde vinha tramitando. Finalmente sancionada, a lei procura atacar em várias frentes o histórico déficit habitacional brasileiro, beneficiando a população de menor renda.

18 de junho de 1973

## DITADOR ABSOLUTO, MÉDICI FAZ SUCESSOR

Em reunião com a Comissão Executiva Nacional da Arena, o general presidente Emílio Médici formaliza a indicação do seu sucessor: o general Ernesto Geisel, que na ocasião era presidente da Petrobras. Geisel foi um dos conspiradores do Golpe de 1964. Era ligado ao grupo da Escola Superior de Guerra, onde se desenvolveu a cultura anticomunista e pró-EUA das Forças Armadas nas décadas de 1950 e 1960. Foi chefe da Casa Militar de Castelo Branco, que o promoveu a general.

# A ANGÚSTIA DO VELHO GRAÇA

Obra-prima do escritor alagoano ainda é atual, mesmo lançada há 85 anos no período em que ele já havia regressado a Alagoas, perseguido, acusado de pertencer ao Partido Comunista

Por Alberto Cantalice

O escritor alagoano Graciliano Ramos percorreu na literatura de língua portuguesa e brasileira uma escalada singular. Descoberto como escritor ainda vivendo em Alagoas, conseguiu penetrar nos grandes centros de outrora, Rio-São Paulo, sem precisar vir se estabelecer como morador.

Já tendo publicado o seu romance *Caetés*, em 1932, e a magistral obra *São Bernardo*, transformado em filme no início da década de 1970 pelo cineasta Leon Hirszman (1937 a 1987), além de crônicas e contos para jornais do Rio e de Maceió, Graciliano nos brinda em seguida com o romance *Angústia*, consolidando a carreira daquele que é reconhecido como o grande expoente do realismo brasileiro. O nosso Tolstói, na visão de alguns críticos e acadêmicos.

Depois de um curto período no Rio de Janeiro, onde trabalhou de revisor no antigo *Correio da Manhã*, volta para Alagoas por causa de uma tragédia familiar. O regresso à província e os afazeres familiares o afastam durante cinco anos das letras. Neste período, mais especificamente em 1928, é eleito prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que exerce por dois anos, renunciando em 1930.

Nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, em seguida à renúncia da prefeitura, o inquieto

Graça pede demissão do cargo, meses depois. Em 1933, é nomeado diretor de Instrução Pública, o equivalente hoje a secretário de Educação. É entre essa série de idas e vindas que nasce *Angústia*.

Publicado em 1936, no período em que foi acusado injustamente de comunista - Graciliano só viria a realmente se filiar ao partido, pelas mãos de Luiz Carlos Prestes, em 1945 - o autor estava preso pela ditadura do Estado Novo na Colônia Dois Rios, na Ilha Grande.

*"Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo adiante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se".*

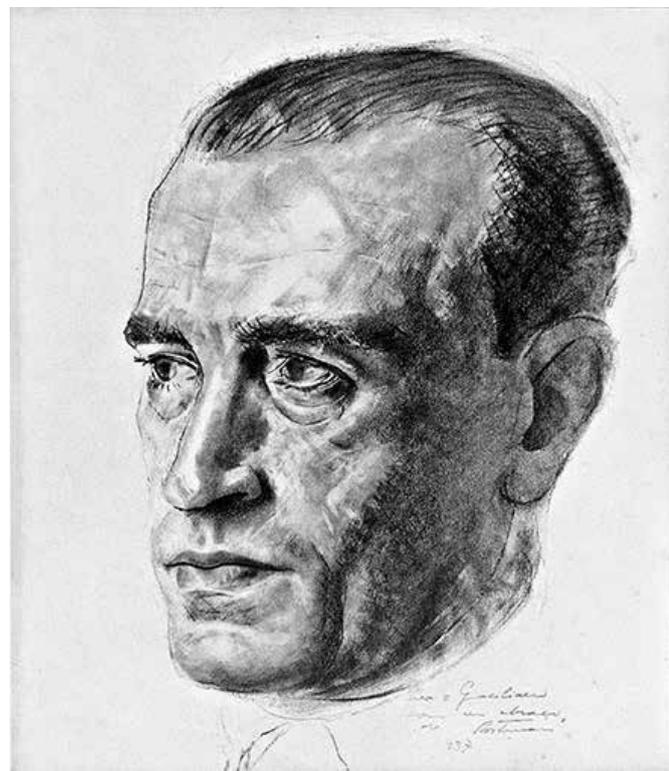
A forma seca e amargurada de Luís da Silva, em torno de quem é costurada a estória, deixa-nos com a sensação que o personagem é uma espécie de alter-ego do autor. Graciliano era conhecido pela economia de palavras e a pouca expansividade no trato com as pessoas.

Observador angular das formas e costumes das gentes da região, Graciliano consegue, com a maestria que lhe é peculiar, estar ao mesmo tempo interpretando o ser e a consciência do agrestino-sertanejo brasileiro, um campô-

nio português ou italiano, ou um mujique nas estepes russas. O que garante o caráter universal da obra.

*"Era, pois, na repartição que eu obtinha algum sossego. As imagens que me atormentavam na rua surgiam desbotadas, espaçadas e incompletas. O ambiente era impróprio à vida intensa que eles tinham lá fora".*

As impressões de Luís da Silva, um servidor público como Graciliano, exprimem com exatidão milimétrica a angústia que o atormenta de forma quase permanente. Completando 85 anos de seu lançamento pela José Olympio Editora, o romance ao longo de suas mais de 300 páginas traça um panorama do indivíduo em seu contexto, cujo ambiente, apesar de ser no início dos anos 30, parece cada vez mais atual. •





# Plano de reconstrução e transformação do Brasil

OUTRO MUNDO  
É PRECISO  
OUTRO BRASIL  
É NECESSÁRIO



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

Documento histórico, o Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil tem como objetivo fortalecer a democracia e recolocar o Estado a serviço do país e do povo. O PT e a Fundação Perseu Abramo propõem a adoção de medidas econômicas de emergência e de longo prazo, com a recuperação de direitos dos trabalhadores e a retomada da soberania nacional.

O texto está disponível no site da Fundação Perseu Abramo: <http://fpabramo.org.br>.

SÁBADO  
19 JUNHO  
EM TODO BRASIL



SÁBADO  
19 JUNHO  
EM TODO BRASIL



ATO  
#19J  
PELO

# FORA BOLSONARO!



POR AUXÍLIO DE R\$600 E  
VACINA PARA TODOS JÁ

CUIDADOS  
CONTRA A  
COVID-19



Use máscaras PFF2  
e procure manter o  
distanciamento



Leve álcool em gel  
e vem pra luta!

Siga as redes:  @forabolsonaronacional  @forabolsonarona